



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS  
MARIA DAS NEVES ROCHA DE CASTRO

**MEMÓRIAS DE UMA VELHA CIDADE: A representação  
histórico-social de Belém pós-*Belle Époque* em crônicas de  
De Campos Ribeiro.**

BELÉM  
2011

MARIA DAS NEVES ROCHA DE CASTRO

MEMÓRIAS DE UMA VELHA CIDADE: A representação histórico-social de Belém pós - *Belle Époque* em crônicas de De Campos Ribeiro.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do Grau de Mestre em Letras - Estudos Literários. Orientado pelo Profº Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes (UFPA).

BELÉM  
2011

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

---

Castro, Maria das Neves Rocha de, 1980-

Memórias de uma velha cidade : a representação histórico – social de Belém pós Belle Époque em crônicas de Campos Ribeiro / Maria das Neves Rocha de Castro ; orientador, José Guilherme dos Santos Fernandes. --- 2011.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2011.

1. Ribeiro, De Campos, 1901-1980 – Crítica e interpretação. 2. Crônicas brasileiras (PA) - Séc. XIX. I. Título.

CDD-22. ed. 869.944

---

**Serviço Público Federal**  
**Universidade Federal do Pará**  
**Instituto de Letras e Comunicação**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários**

Dissertação intitulada “Memórias de uma velha cidade: A representação histórico-social de Belém pós - *Belle Époque* em crônicas de De Campos Ribeiro”, de autoria da mestrandia Maria das Neves Rocha de Castro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes – FALE/UFPA - orientador

---

Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos – UFPA/Bragança

---

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril del Castillo– FALE/UFPA

Conceito: BOM

---

Prof. Dr. Silvio Augusto de Oliveira Holanda  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários  
FALE/UFPA

Belém, 11 de abril de 2011

Ao professor Rômulo Sant'anna (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Ao pai celestial, pelo privilégio de poder cantar a beleza da vida em toda a sua plenitude;

À minha mãe, por seu incondicional amor que nutriu minha vontade de vencer;

Ao meu orientador professor José Guilherme Fernandes, por suas importantes contribuições para a tessitura deste trabalho;

Aos professores Luis Heleno Montoril e Ipojucan Dias Campos pelas observações críticas feitas durante o exame de qualificação;

Aos membros da Academia Paraense de Letras nas pessoas do presidente Alonso Rocha(*In memoriam*), do secretário Pedro Maia e do bibliotecário Nazareno Negrão;

À CAPES pelo auxílio da bolsa de mestrado que fomentou minha pesquisa durante esses dois anos de curso;

À senhora Maria do Céu de Campos Ribeiro, por ter fornecido o material referente à biografia do escritor;

Aos professores do Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará;

Ao secretário do mestrado em letras Eduardo, por seu bom humor e carinho;

Aos funcionários da biblioteca do mestrado em Letras, especialmente a senhora Regina;

Às pessoas que foram meu porto seguro durante essa árdua jornada:

Ana Maria, sempre com uma palavra amiga e seu exemplo de determinação;

Waldete, pelo seu carinho materno para comigo em vários momentos dessa caminhada acadêmica;

Patricia Joubert, pela sua amizade e pelas palavras de incentivo;

Patrícia Cezar, sempre com uma palavra amiga nos momentos mais difíceis;

Lívia Cunha, por suas orações e pelo incentivo constante que não me deixou desistir;

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

“Formosa e triste... Vives nos meus  
olhos,  
De braços, sobre o cais, em tuas  
águas...  
Vives. E a um céu noturno choras... E  
esmas  
Na sombra, em teus refolhos,  
Dos teus delírios pelas próprias  
mágoas  
Todas as tuas agonias mesmas.  
Tenho-te na alma: desde as alegrias  
das ruas  
De arrabaldes, amplas, direitas,  
Até o acervo de saudades frias  
Desse recolhimento que te engelha,  
Nessas ruas feudais, essas estreitas  
Ruas sombrias da “Cidade Velha”.  
(De Campos Ribeiro)

## RESUMO

A obra *Gostosa Belém de outrora*(1966) do literato José Sampaio de Campos Ribeiro (1901-1980) apresenta crônicas de teor memorialístico que retratam o cotidiano de Belém das primeiras décadas do século XX, enfatizando em suas narrativas os principais problemas socioeconômicos enfrentados por alguns personagens do contexto citadino, como as “vendedeiras de amor”, os pregoeiros e os professores. Tomando por base as contribuições teóricas da História Nova, que consistiu em uma renovação no âmbito historiográfico e sugere que se utilize outras fontes, a exemplo do texto literário, a fim de se chegar a uma compreensão histórica, o presente trabalho busca, a partir das leituras das crônicas, traçar um panorama histórico-social de Belém pós *Belle Époque*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônicas; Memória; História Nova; De Campos Ribeiro.

## RÉSUMÉ

L'oeuvre *Gostosa Belém de outrora* (1966) de l'écrivain José Ribeiro Sampaio de Campos (1901-1980) présente des chroniques de niveau mémorialistique, en retraçant la vie quotidienne de Belém dans les premières décennies du XXe siècle, en mettant en évidence dans leurs narratifs les graves problèmes socio-économiques rencontrés par certains personnages dans le contexte de la ville, comme «vendeuses d'amour», les annonceurs et les enseignants. Basés sur des apports théoriques de la Nouvelle Histoire, qui se composait d'un renouvellement dans l'historiographie et qui suggère d'utiliser d'autres sources, comme le texte littéraire en vue de parvenir à un accord historique, le présent travail, de lectures des chroniques, trace un aperçu historique et social de Belém post-Belle époque.

**MOTS-CLÉS:** Chroniques; Mémoire; Nouvelle Histoire, De Campos Ribeiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 DE CAMPOS RIBEIRO: PERCURSO LITERÁRIO</b> .....	12
1.1 - Aspectos biográficos .....	12
1.2 - Facetas literárias: poeta, prosador e crítico .....	14
1.3 - Gostosa Belém de outrora: apresentação .....	25
1.4 - A recepção da Gostosa Belém de outrora .....	27
<b>2 – CRÔNICA, HISTÓRIA E MEMÓRIA</b> .....	31
2.1 - Crônica: uma prosa do cotidiano .....	31
2.2 - E do folhetim fez-se a crônica .....	33
2.3 - A conversão do olhar histórico no século XX: a História Nova .....	37
2.4 – Memória .....	39
<b>3 – CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA OBRA DE DE CAMPOS RIBEIRO</b> .....	44
3.1 - O contexto de Belém .....	44
3.2 - De Campos Ribeiro: o prosador de uma cidade tumultuada .....	49
3.2.1- As “vendadeiras de amor” .....	50
3.2.2 - Os pregoeiros do Umarizal .....	54
3.3 - O contexto literário da produção de De Campos Ribeiro: a Mina Literária (1894-1899) .....	55
3.3.1 - O ressoar modernista no Norte .....	56
3.3.2 - Manuel Bandeira e De Campos Ribeiro: o cotidiano em verso e prosa nas artimanhas da memória.....	63
<b>4 – METODOLOGIA</b> .....	67
4.1 - Elementos da narrativa: enredo, narrador e tempo .....	67
4.2 - Discurso, texto e diálogo .....	69
4.3 - Percurso gerativo de sentido .....	70
4.3.1- Nível fundamental .....	70
4.3.2 - Nível narrativo .....	71
4.3.3 - Nível Discursivo .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	77
<b>Anexos</b> .....	80

## INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a obra *Gostosa Belém de outrora* (1966) surgiu durante o final de minha graduação, no ano de 2008, quando elaborei o trabalho de conclusão de curso (TCC), abordando a oposição semântica entre os tempos da narrativa, uma vez que as crônicas deste livro possuem um teor memorialístico e o narrador contrasta o presente e o passado, atribuindo a este uma qualificação positiva em detrimento àquele, caracterizado negativamente.

No entanto, a leitura desta obra escrita pelo literato José Sampaio de Campos Ribeiro (1901-1980) me conduziu a outros caminhos, pois observei que as narrativas apresentam como contexto uma Belém das primeiras décadas do século XX, fase em que a cidade enfrentava inúmeras dificuldades socioeconômicas, ocasionadas, principalmente, pelo declínio da economia gomífera. De um período “fáustico” da *Belle Époque*, caracterizado pela ostentação dos barões da borracha e seus costumes made in France, entra em cena o lado marginal e decadente da cidade de Belém, ilustrado pelas crônicas de De Campos Ribeiro.

Observando o posicionamento crítico presente no discurso do narrador em relação aos personagens das crônicas “Estranho Oliímpio aquele café”, “Eram baixos seus coturnos” e “Incomparável Professor Berilo”, constatei algo bastante discutido pela História Nova, referente à utilização de outras fontes, como o texto literário, para a compreensão histórica. E de fato, as crônicas selecionadas para estudo ofereceram subsídios para se compreender aspectos histórico-sociais de Belém no contexto descrito pelo cronista, tendo em vista o caráter representativo das narrativas.

Este trabalho<sup>1</sup> está organizado em quatro capítulos. No primeiro, faço um levantamento sobre a vida e a obra do escritor De Campos Ribeiro, ressaltando as facetas literárias adotadas pelo mesmo e a recepção da obra *Gostosa Belém de outrora* nos jornais da época, *Folha do Norte* e *A Província do Pará*.

O segundo capítulo irá tratar dos três conceitos-chave para a proposta do presente estudo: crônica, história e memória. Neste segundo momento, abordo

---

<sup>1</sup> A formatação desse trabalho segue a orientação encontrada na obra *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas* (2009), de Júnia Lessa França e Ana Cristina de Vasconcellos, publicado pela UFMG. As notas de rodapés serão usadas para explicações e referência das citações diretas.

sobre aspectos formais do gênero crônica, a renovação ocorrida no seio historiográfico a partir das idéias da História Nova, e apresento os teóricos relativos à memória individual e coletiva, pautando-me nos estudos empreendidos por Henri Bergson e Maurice Halbwachs.

No terceiro capítulo trato do contexto histórico e social da obra de De Campos Ribeiro, considerando as primeiras décadas do século XX sob a ótica da historiadora paraense Edilza Fontes, as implicações do movimento modernista de 1922 na produção literária de Belém, dando relevo à “Associação dos Novos”, agremiação de jovens literatos da qual fazia parte De Campos Ribeiro e à importância da revista *Belém Nova* (1923-1929) na divulgação dos ideais modernistas, sendo que a mesma publicou três manifestos, os quais reivindicavam uma ruptura com as formas estéticas tradicionais, pois os escritores, embora ansiassem por mudanças, ainda estavam aprisionados aos ditames do Parnasianismo e Simbolismo. Trato ainda, da relação entre as temáticas de De Campos Ribeiro e o poeta modernista Manuel Bandeira, pelo fato dos mesmos descreverem o cotidiano de suas cidades de infância através de suas memórias.

E, por fim, no quarto capítulo, analiso as narrativas à luz do percurso gerativo de sentido, proposto por Fiorin (1990), considerando ainda nessa perspectiva os conceitos de discurso, texto e diálogo, apoiando-me nas contribuições teóricas de Orlandi (1996) e os requisitos básicos da narrativa, como enredo, tempo e narrador, de acordo com Culler (1999).

# 1 - DE CAMPOS RIBEIRO: PERCURSO LITERÁRIO

## 1.1 - Aspectos biográficos

Far-se-á inicialmente algumas considerações acerca de aspectos biográficos e da produção escrita do escritor José Sampaio de Campos Ribeiro, ou simplesmente De Campos Ribeiro, um maranhense mais paraense que qualquer tarde chuvosa da “cidade das mangueiras”<sup>1</sup>.

José Sampaio de Campos Ribeiro nasceu em São Luis do Maranhão no dia 28 de janeiro de 1901. Era filho primogênito de Antonio Campos Ribeiro, comandante da marinha, e de Teodora Sampaio Ribeiro. Seu despertar para a vocação literária ocorreu nas reuniões nas quais a poesia ocupava lugar de destaque. Sua mãe declamava com desenvoltura, acompanhada ao som do violão de seu marido, versos de Gonçalves Dias, Castro Alves, Tobias Barreto, Casimiro de Abreu e dos conterrâneos maranhenses Antonio Lobo e Sousândrade. E nesse ambiente poético, o menino José crescia, já tomando gosto pela poesia. Precocemente, aos seis anos de idade, participava das tertúlias, declamando versos de Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. A esse respeito, ele afirmou

Num meio assim, era fatal: a vocação literária teria de cêdo[sic] despontar em mim, com força de semente que lança no fundo da terra os seus brotos cheios de seiva fremente, para a vida estuante aos beijos do sol que a enrijece para fazê-la arbusto e árvore depois.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>SANTOS, Carlos Correia. *Um século de campos ribeirados pela arte. A Província do Pará*, 28 jan. 2001. Caderno Variedades, p. 02.

<sup>2</sup>Entrevista intitulada “De Campos Ribeiro, suas lutas e problemas”, concedida pelo escritor De Campos Ribeiro ao jornal *A Província do Pará* no dia 21 de abril de 1957.

O trecho dessa entrevista, concedida ao jornal *A Província do Pará* no ano de 1957 faz referência à infância de De Campos Ribeiro, quando este, juntamente com sua família migrou para Belém do Pará, aos cinco anos de idade. Nesta terra fincou raízes e fez dela sua musa inspiradora, tanto de seus versos quanto de sua prosa, exemplificada pelo livro de crônicas *Gostosa Belém de outrora* (1966), objeto de estudo deste trabalho.

Além da formação em Agronomia, foi secretário de Estado de Educação e Cultura na gestão do governador Zacarias de Assunção. No dia 4 de maio de 1937 foi empossado na Academia Paraense de Letras, ocupando a cadeira 37, patronímica de Teodoro Rodrigues, presidindo o Silogeu nos períodos de 1951 – 52 e 1968- 70. Participava na condição de membro correspondente das Academias Amazonenses e Acreana de Letras, dedicando grande parte de sua vida aos livros, à beleza, às gentes, em suma, à cultura.

Iniciou sua carreira jornalística em 1921 na *A Província do Pará* cobrindo noticiário forense, ocasião em que travou amizade com o poeta Olavo Nunes que o incentivou a publicar seus primeiros versos. Este poeta era na ocasião proprietário de um dos cartórios onde o jovem jornalista peregrinava em busca de notícias, sendo que as conversas entre eles giravam em torno de um assunto preferido a ambos: as letras.

Depois passou a trabalhar no *O Estado do Pará* como redator-secretário, sob a direção de Afonso Chermont. Colaborou nas revistas *A Semana* e *Belém Nova*<sup>3</sup>, esta última grande revista literária, considerada uma porta-voz do movimento modernista no Pará, fundada pelo poeta Bruno de Menezes. Na mesma época, ocorreu o surgimento de um grupo de jovens intelectuais que na década de 1920, no Pará, fizeram renascer as letras e as artes, adormecidas após o declínio do movimento fecundo e memorável da “Mina Literária”<sup>4</sup>. Tratava-se da “Associação dos Novos”<sup>5</sup>, idealizado por Paulo

---

<sup>3</sup>Segundo Marinilce Coelho (2005: p.73), a revista “Belém Nova” (1923-29) foi um importante veículo de propagação do movimento Modernista no Pará, pois constituiu uma reação corajosa às estéticas do século XIX, como o Parnasianismo e o Simbolismo através da publicação dos manifestos, que com uma linguagem objetiva e em tom de provocação, questionavam as estéticas obsoletas. Foram eles “Manifesto da Beleza” (1923), “À geração que surge!” (idem) e “Flamini- n- assú: manifesto dos intelectuais paraenses” (1927), escrita por Abguar Bastos.

<sup>4</sup>A “Mina Literária” (1894-1895) foi um movimento iniciado no dia 2 de dezembro de 1894 durante uma reunião na casa do poeta Eustachio de Azevedo. A finalidade desse movimento consistia em difundir a produção literária no Pará, através de concursos, palestras e sessões de crítica. Os membros dessa

de Oliveira, o qual em 1922 convocou a intelectualidade jovem a fim de promover a renovação estética na literatura local. Compunha o grupo, além de De Campos Ribeiro, o próprio Bruno de Menezes e os artistas Wenceslau Costa, Abguar Bastos, Raul Bopp, Clóvis de Gusmão, Santana Marques, Nunes Pereira, Severino Silva, dentre outros. Aderiram posteriormente ao grupo outras personalidades a exemplo de Lauro Paredes, Farias Gama, Júlio Nazaré de Sá, Luis Teixeira Gomes, Lindolfo Mesquita, a poetisa Brites Mota, Eneida de Moraes, Edgar Proença e Wladimir Emanuel. Assim, De Campos Ribeiro descreveu uma sessão da “academia ao ar livre”

Éramos todos nós os “ansiados” de Ângelus, um grupo intelectualmente homogêneo, malgrado diversificações de pensamento, isto quando a disparidade característica de determinadas idéias, até no entendimento das regras de moral prática. Tínhamos temperamentos irrequietos, como Paulo de Oliveira, caboclo talentosíssimo, de operosidade fecunda e audaz, mas constante na busca de um motivo de polêmicas, quase sempre desnecessárias, senão inúteis, que não lhe granjeavam mais do que rancorosas antipatias.<sup>6</sup>

Envolto por essa atmosfera de renovação estética, surge o talento do jovem escritor De Campos Ribeiro que publicou *Em louvor do heroísmo e da bravura* (1924), *Aleluia* (1930), *Brasões de Portugal* (1940), *Gostosa Belém de outrora* (1966), *Horas da Tarde* (1970) e as conferências *Olavo Nunes, animador de ternuras e ironias* (1971) e *Graça Aranha e o Modernismo no Pará* (1973), por ele proferidas em sessão solene do Conselho Estadual de Cultura. Como será discutido no tópico seguinte, ele foi um escritor multifacetado, tendo

---

associação literária eram denominados de “mineiros” e possuíam nomes de guerra extraídos de sais, pedras preciosas ou produtos mineralógicos.

<sup>5</sup> A designação “Associação dos Novos” foi utilizada por De Campos Ribeiro em sua conferência *Graça Aranha e o Modernismo no Pará* (1973) e faz referência ao grupo de jovens intelectuais, que na década de 1920, buscavam imprimir a cor local na literatura, embora ainda cultivassem formas estéticas do Parnasianismo e do Simbolismo.

<sup>6</sup> RIBEIRO, De Campos. **Graça Aranha e o Modernismo no Pará**. - Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. p .23.

em vista que sua produção literária não se restringiu somente à poesia, pois percorreu outros caminhos como o da prosa e o da crítica.

## **1.2 Facetas literárias: poeta, prosador e crítico.**

Seu percurso literário inicia no ano de 1924 com a publicação de sua primeira obra poética *Em louvor do heroísmo e da bravura*, dedicado ao estadista Antonino de Souza Castro. No mesmo livro, ainda constam dedicatórias ao Coronel Raimundo Leão, aos bravos soldados da Força pública e à Reserva Naval do Pará. Com cerca de trinta páginas, De Campos exalta os soldados legalistas e o Governo, por meio dos poemas “À Bandeira do Pará”, “Ao Pacificador Patriota e Grande”, “Soldados do Pará”, “À Reserva Naval da Terra Paraense” e “Para memória dos que tombaram pela justiça”.

Seis anos depois, vem a público o livro de poesias *Aleluia* (1930), composto e impresso nas Oficinas Gráficas de “A Guajarina”. A obra foi dedicada a sua mãe e está dividida em três partes: “Aleluia”, dedicada a Remigio Fernandez, Gastão Vieira e Arnaldo Damaso de Andrade; “Sinfonia tropical”, a Romeu Mariz, Saturnino de Aguiar, Jonatas Batista e Manuel de Souza Reis; e “Cidade da Beleza e da Amargura” a Xavier de Carvalho, Severino Silva (então “príncipe dos poetas do Pará”) e José Simões. Era o livro de sua predileção, como confessou em 1957 à *Província do Pará*

Gosto mais de *Aleluia*, meu livro de estréia, eivado das imperfeições da juventude espiritual generosa, crente, e por isso mesmo, sincera. Nas páginas de *Aleluia* reencontro o poeta embriagado de sonho e de amor por todas as coisas claras da vida.

*Aleluia* apresenta na terceira parte uma poesia voltada à descrição das mazelas sociais. Em “As pobrezinhas que eu amo”<sup>7</sup> fica evidente o

---

<sup>7</sup> RIBEIRO, De Campos. **Aleluia**. Belém: Guajarina, 1930. p. 81-82.

posicionamento crítico do eu - lírico diante da difícil situação das operárias. De Campos Ribeiro, nessa poesia, faz referência às mulheres que trabalhavam nas fábricas beneficiadoras de castanha-do-pará

Ah! Como eu quero bem às pobrezinhas!  
as pobrezinhas operárias,  
que são como as abelhas:  
anonymas, humildes, coitadinhas!  
[...]  
Ellas, que vivem numa eterna festa,  
o vestidinho pobre, os sapatinhos rôtos,  
desgraçadinhas phalenas,  
são a alegria da cidade honesta  
na vida obscura dos tranquillos arrabaldes...  
[...]  
Ai! Pobrezinhas sem nome!  
pequenas, quase mendigas,  
sorrindo, às vezes com fome,  
de um sonho as visões bizarras,  
- trabalham como as formigas,  
cantando como as cigarras.

Mesmo fazendo poesias de exaltação ao longo do livro, o poeta procurou explorar temáticas voltadas ao social. Não se preocupou somente em descrever aspectos positivos da cidade de Belém, mas mostrar que este espaço serve de palco para problemas socioeconômicos de toda espécie. No fragmento supracitado, foi descrito, em forma de versos, a difícil situação das jovens operárias, sujeitas às longas jornadas de trabalho e enfrentando diversas privações. Nessa mesma perspectiva, temos um soneto descrevendo o cotidiano das crianças abandonadas

Os garotos do meu bairro<sup>8</sup>

Na minha rua de arrabalde obscuro  
vive, flanando, um bando de garotos,  
cavalleiros-fidalgos do monturo,  
de pés descalços e de fatos rotos...

Philosophos sem nome, esses marotos  
Olham sem queixa o seu destino duro...  
E, boiando na lama dos esgottos,  
ainda o coração conservam puro.

Dormem, pelas soleiras, sem ter frio...  
E, entre o assalto de um bonde e um assovio,  
A vida se lhes vae, tristonha ou lêda.

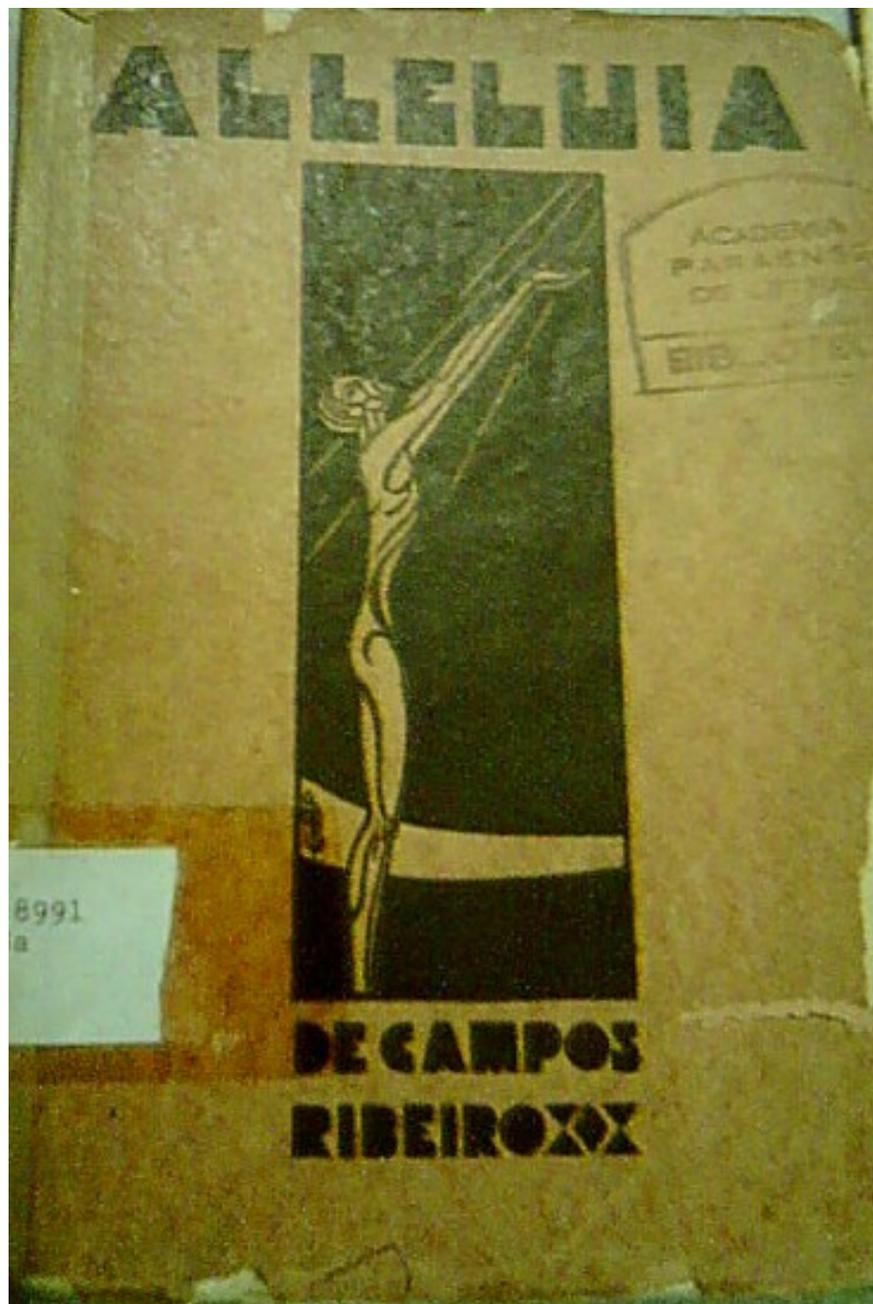
Julgam a felicidade além das casas...  
E vão buscá-la pelo céu, nas asas  
De um papagaio de papel de sêda...

De Campos Ribeiro fez da palavra, emoldurada em versos, a porta-voz das parcelas excluídas da sociedade paraense. Os garotos pobres do seu bairro serviram de tema para a composição deste soneto. Nele, o eu-lírico descreve as dificuldades sofridas pelas crianças abandonadas, que mesmo em

---

RIBEIRO, De Campos. *op. cit.* p. 97.

meio a tanto descaso, ainda conseguem idealizar uma infância feliz, buscando essa felicidade nas “[...] asas/de um papagaio de papel de seda”

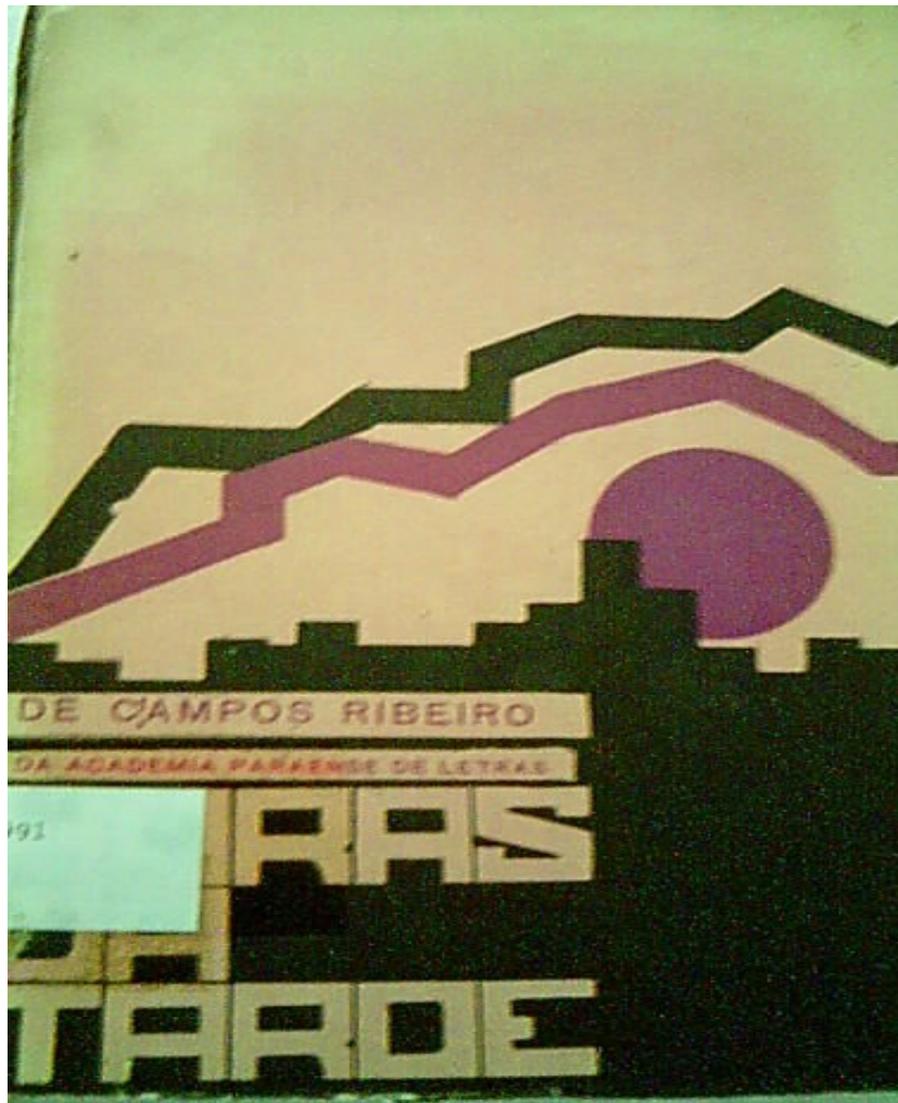


**Fig. 1:** Capa do livro de poesias *Alleluia* (1930).

Em 1940, lançou *Brasões de Portugal*, considerada obra poética de excelente valor e uma forma do poeta exortar os feitos dos descobridores portugueses. Composto e impresso nas “Oficinas Gráficas da Revista de Veterinária”, o livro faz, desde a ilustração da capa concebida por Mariz Filho, uma alusão ao espírito desbravador dos lusitanos à frente das Grandes Navegações em busca de riquezas além-mar.

A obra foi dedicada a Portugal que “[...] tem nos portugueses desta terra a flama sempre viva do espírito e do coração da Velha Lusitânia”. Na epígrafe temos a evocação a Abelardo Condurú por sua dedicação no âmbito educacional do Governo e ao espírito de fraternidade dos brasileiros com os compatriotas lusitanos. Os poemas que compõem a obra são os seguintes: “Exortação”, “Coimbra”, “Egas Moniz”, “Consciência”, “D. Pedro – o cruel”, “Aljubarrota”, “Ventos de Sagres”, “Dom Duarte”, “A morte de D. João I”, “Honra”, “Fado”, “Santa Izabel de Portugal”, “Rei-poeta e lavrador”, “Camões”, “Anto Nobre”, “Augusto Gil”, “Saudade”, “Aos poetas de Portugal” e “Cântico ao Senhor Jesus do Corcovado”.

Como forma de revitalizar o crédito do soneto, a mais antiga e insuperável das formas poéticas, é editado pela Falangola, em 1970, o livro de poesias *Horas da Tarde*, obra dedicada ao então governador Alacid da Silva Nunes, à memória de sua esposa Lygia Amazonas e aos filhos e netos. O prefácio “A presença de um poeta” foi assinado por seu filho Fernando Tasso, descrevendo o livro como uma “[...] coletânea de poemas que revelam ângulos novos de uma poesia permanente, pontilhada da filosofia que a vivência do século imprimiu em sua alma eternamente jovem”.



**Figura 2:** Capa do livro de poesias *Horas da Tarde* (1970)

Marcado pelo coloquialismo entre autor e leitor, o livro está dividido em quatro partes: “Horas da Tarde”(livro de abertura), “Horas Evocativas” na qual ele reúne poesias de todas as matizes, algumas já publicadas na imprensa ou declamadas em reuniões de caráter cultural. Mantém uma harmonia com primeira parte, dando ênfase à unidade qualitativa de todo o livro. Na terceira parte, De Campos é simplesmente o trovador, e por fim, em “A Cidade da Beleza e da Amargura”, presta uma singela homenagem à sua amada cidade de Santa Maria de Belém, reeditando alguns poemas de *Aleluia* (1930), fazendo assim o papel de cantor-maior da cidade tumultuada de problemas sociais e humanos, conforme expresso nos versos abaixo

“Independência”, à noite. Ampla e deserta  
Dorme toda a avenida. E altos, sombrios,  
Cismam no que de angústias e de frios  
Vai lá por dentro das casinhas pobres.

Começa, então, nessa hora morta,  
O cortejo infeliz das infelizes...  
Vêm das “estâncias” da “Castelo Branco”  
Vender o amor das espeluncas pela porta.  
Vêm. Passam todas num sorriso franco  
E são famintas meretrizes!

Estas estrofes foram extraídas do poema “A feira da miséria”<sup>9</sup> e retrata a situação das jovens que vinham do interior do Estado em busca de melhoria

---

<sup>9</sup> RIBEIRO, De Campos. **Horas da Tarde**. – Belém: Falângola, 1970. p. 112.

de vida, atraídas por falsas promessas de pessoas oportunistas. Ao chegar ao fatídico destino, a realidade mudava de figura, e elas eram obrigadas a adentrar no mundo da prostituição.

No ano seguinte, a mesma editora lança a conferência *Olavo Nunes, animador de ternuras e ironias*, proferida por De Campos Ribeiro em homenagem ao centenário do poeta Francisco Olavo Guimarães Nunes, ocorrida no dia 29 de julho do ano da publicação.

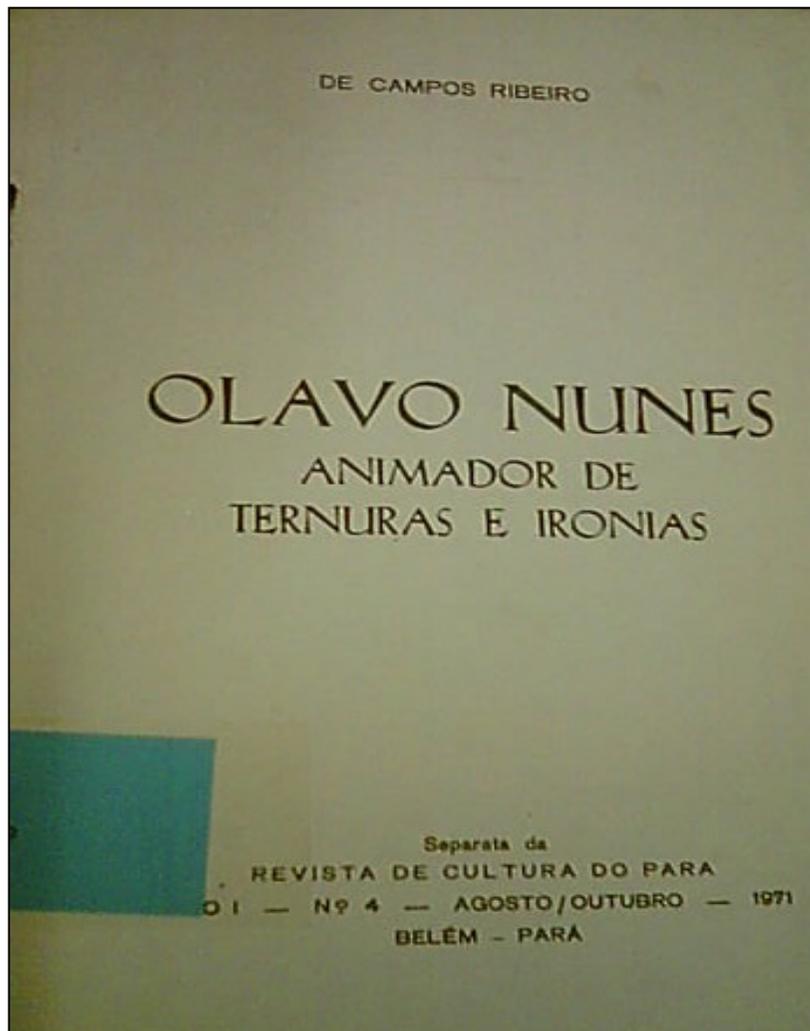
A princípio, o conferencista De Campos inicia fazendo uma digressão sobre a poesia e os poetas, destacando as qualidades inerentes à criação literária, seguindo de uma explanação sobre aspectos biográficos do homenageado, o poeta Olavo Nunes, nascido na cidade de Curuçá (PA), passando sua infância na inspiradora de seus versos, Vigia de Nazaré, cidade caracterizada por suas riquezas naturais e pela simplicidade de seus habitantes, aspectos explorados na poética de Olavo Nunes, o qual exerceu as funções de promotor público no município de Maracanã e, posteriormente, de escrivão do fórum em Belém, onde iniciou laços de amizade com De Campos, à época repórter forense, no ano de 1921.

No âmbito literário se destacou sua atuação na “Mina Literária”, movimento literário de vanguarda surgido no ano de 1895 que congregou em torno de sua proposta personalidades como Paulino de Brito, Lauro Sodré, Serzedelo Corrêa, Paes de Carvalho, Américo Santa Rosa, o Conselheiro Tito Franco de Almeida e o Barão de Guajará, denominados de “mineiros”. Esse movimento obteve prestígio além das fronteiras do Pará, especialmente em noticiários de jornais da época.

Nesta conferência é abordado o estudo desenvolvido por Acrísio Mota – outro integrante da Mina Literária - intitulado “Coisas Profanas”, no qual ele enfoca no capítulo “O Norte Literário em 1895”, as principais manifestações literárias de Pernambuco, Amazonas, Ceará, Maranhão e Pará. Em relação à poesia, os versos de Olavo Nunes são, segundo avaliação do talentoso conferencista, dignas de nota, descritas pela alta e clara limpidez vernacular, mensagem comovedora dos sentimentos mais puros que podem desabrochar no coração humano

[...] Olavo, poeta, era um ideólogo otimista. Sua visão interior não se deteve jamais na contemplação das fealdades e mesquinhas dos socavões da natureza humana.

[...] Com freqüência nos seus versos, da mocidade ou da velhice, perpassa breve, qual vôo fugitivo de inseto, a brejeirice quente de imaginários quadros em que deixou traço de uma quase ingênua lascívia.<sup>10</sup>



**Fig. 3:** Capa da conferência *Olavo Nunes, animador de ternuras e ironias* (1971)

---

<sup>10</sup> RIBEIRO, De Campos. *Olavo Nunes, animador de ternuras e ironias*. – Belém: Falângola, 1971. p.41

No ano de 1973 vem a lume outra conferência: *Graça Aranha e o Modernismo no Pará* (2ª. Edição), editada inicialmente em 1969 pelo Conselho Estadual de Cultura. Nesta, o homenageado é o romancista, crítico, ensaísta e diplomata Graça Aranha, autor de *Canaã*, protagonista do inusitado escândalo no Silogeu paulista em 19 de julho de 1924 ao proferir a conferência “O Espírito Moderno”, brado de emancipação estética perante a sisudez da Academia de Letras de São Paulo

[...] Graça Aranha com seu brado atoador de emancipação estética, inegavelmente assinalava, naquele tumultuário 19 de junho, o marco da irrevocabilidade para o Movimento, cuja marcha, a partir dali, se haveria de acelerar. Sua atitude de apaixonado desassombro teria fatalmente que conclamar à rebelião, avolumando-lhe os estos de novidade, a juventude artística e literária naquele “Delenda Academia”...<sup>11</sup>

Essa atitude libertária desencadeou o florescimento da Arte Nova em outros Estados brasileiros, destacando-se a formação de grupos em Pernambuco e no Pará. No Recife, chefiado por Joaquim Inosoja, temos a revista *Mauricéia*, porta-voz dos futuristas pernambucanos, destacando a atuação dos poetas Austro Costa e Oswaldo Santiago, fundador de *Rua Nova*, outra revista dedicada aos ideais modernistas. Em Belém, mereceu relevo o surgimento da “Associação dos Novos” e de seu ressoar, a revista *Belém Nova*, publicadora dos manifestos, dos quais “O Manifesto da Beleza”(1923) e “Flami-n’-açu” são transcritos na conferência, que finaliza discorrendo sobre os “Modernistas no Pará”, considerando autênticas as atuações de Eneida de Moraes, Bruno de Menezes, Abgvar Bastos, dentre outros.

---

<sup>11</sup> RIBEIRO, De Campos. *Graça Aranha e o Modernismo no Pará*. – Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. p.9-10.

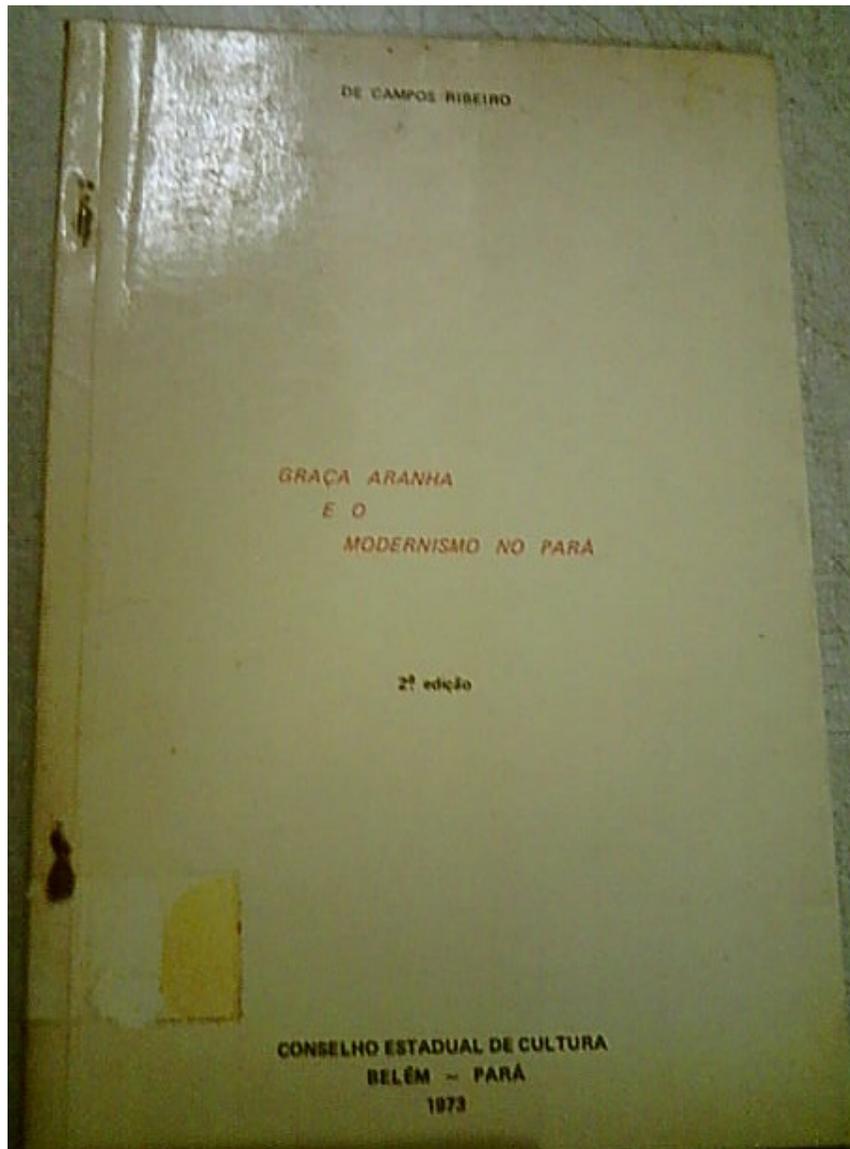


Fig. 4: Capa da conferência *Graça Aranha e o Modernismo no Pará* (1973)

### 1.3 *Gostosa Belém de outrora*: apresentação

Passando para o rumo da prosa, temos o livro de crônicas *Gostosa Belém de outrora* (1966), considerado uma biografia sentimental<sup>12</sup> da cidade de

---

<sup>12</sup> “Segundo o escritor Mário Ypiranga Monteiro (Academia Amazonense de Letras) em texto publicado no jornal “A Província do Pará” de 19 de setembro de 1968, o livro *Gostosa Belém de outrora* é” [...] autobiográfico, sem sê-lo no melhor sentido, sem repetimos, preocupação cronológica, implexo de fugas

Belém. Em tom memorialístico, o narrador (ou contador- personagem) traça um percurso pelo passado da capital paraense nos primeiros decênios do século XX, ainda respirando os primeiros ares da modernização, devido ao desenvolvimento da arquitetura urbana tendo por base os moldes europeus.

Formada por trinta e uma crônicas, capa de Geraldo Corrêa e uma especial dedicatória ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Pará por ter sido “[...] o idealista que abriu os horizontes das novas eras para nossa cultura”. Em seu prefácio, o autor faz um resumo do que será tratado no livro. O *leitmotiv* para a composição do mesmo são suas lembranças de infância, protagonizadas em grande parte no bairro do Umarizal. Posteriormente, De Campos Ribeiro incluiu em suas memórias outras figuras e fatos de sua “ensolarada mocidade”

São crônicas leves, escritas ao sabor das lembranças, sem pretensões a História, mas também longe de ser as chamadas estórias...

Episódios, tipos, cousas interessantes da vida de Belém nas duas primeiras décadas do século, vistas, algumas até vividas, da meninice à adolescência, envolvia o primeiro plano. Rememranças [sic] mais recentes, dos dias da plena ensolarada mocidade, inquieta de sonhos que faz bem evocar, levaram-me, porém, a incluir nestas páginas outras figuras, outros fatos.<sup>13</sup>

Algumas das crônicas compiladas no livro foram publicadas na folha dominical do jornal “Folha do Norte” como teste de receptividade para o público leitor, estimulando o escritor a reuni-las em formato de livro. Como exemplo dessa recepção, temos alguns depoimentos de escritores e até folcloristas que visualizaram na obra sua característica peculiar, o cunho memorialístico, de

---

sentimentais, de quadros vivos, de paisagens meio diluídas em tons de saudade, caprichado esforço reconstrutivo, que a memória ajuda aos saltos e falhas. Uma biografia sentimental, sem ordem aparente, mas excelentemente condimentada pela presença dos elementos mais diversos da escala social, desde o desgraçado que acaba nas sarjetas até o pelintra de chapéu-coco e luvas amarelas, sem esquecer a boêmia intelectual e a arruaça, as ilusões e decepções, o subsolo da vida.”

<sup>13</sup> RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora.-

onde emana um “rico manancial” aos estudiosos por traçar um panorama da cidade de Belém do início do século XX. Ao correr da pena do memorialista, somos conduzidos a um espaço com ares de provincianismo, mas, adaptando-se, paulatinamente, às transformações sofridas no contexto citadino.



**Fig. 5:** Capas das edições de 2005 e da primeira edição (1966), respectivamente.

#### 1.4 A recepção da *Gostosa Belém de outrora*

Enumero a seguir algumas opiniões de importantes escritores acerca da obra em estudo, através de artigos veiculados nos jornais de grande circulação à época como a *Folha do Norte* e *A Província do Pará*. O primeiro depoimento é de Leonam Cruz<sup>14</sup>. Segundo este, o escritor traça um retrato de uma cidade na qual ela tem de mais puro e autêntico na sua área espiritual e subjetiva e os múltiplos aspectos da coletividade, remetendo-nos ao seu passado repleto de detalhes desconhecidos. Considera melhor denominar a obra como um livro de memórias, tendo em vista a realidade dos fatos narrados, dando ao leitor a impressão de que o autor participou de todos eles. Ambientado em uma Belém de crescimento inicial, o leitor vive nesse livro “[...] a ternura de um tempo quase virgem de influências estranhas, vivendo ainda resquícios de costumes primitivos trazidos pelos pioneiros de sua formação histórica”.

Faz referência aos múltiplos aspectos da coletividade presentes nas crônicas, inseridas pelo literato com o intuito de ser o panorama humano de Belém com suas particularidades, revivido sob o esquema emocional de “[...] uma geração portentosa no talento e profundamente imaginosa nas suas atividades intelectuais”. Por meio da leitura, conforme atesta Cruz (1967) é possível ter uma idéia bastante viva de como deveria ter sido a Belém do início do século XX, o tipo de sociedade que a integrava e os costumes predominantes desse período.

Ele afirma que releu as crônicas, procurando nelas o que estava perdido em sua memória de belenense, porque somente elas seriam capazes de fazê-lo reviver “acontecimentos desconhecidos e velhos conhecidos”, como o vendedor de “mendobim torrado, alegria dos namorados”, do qual possui vaga lembrança em sua meninice passada na Rua São Mateus. Agradece a De Campos por seu livro, pedindo-lhe que continue exercendo sua função de poeta: escrever e cantar a saudade.

---

<sup>14</sup> *Folha do Norte*, Belém, 6 de agosto de 1967.

Seguindo essa mesma linha, a escritora Lindanor Celina<sup>15</sup> trava um diálogo com o velho De Campos, ressaltando as qualidades do livro de crônicas. Assim, ela iniciou sua apreciação

Bem gostosa mesmo, essa Belém que não conheci e de que nos fala De Campos Ribeiro. Tão província que me lembrou sabem o que? – Itaiara, ou qualquer outro interior assim.

Nesta era do asfalto, dos taxis-mirins, bem longe parece a cidade dos bondes puxados a burro e enterros a pé. Mas De Campos para lá nos leva. Nem sentimos sua conversa despreziosa, agradável, colorida e pitoresca como a Belém de sua mocidade.

Em seguida, descreve a temática abordada em “Enterro de anjos”, como uma prática usual da década de 1910, definindo-a de “enterro-passeio” do bairro do Umarizal ao cemitério de Santa Isabel, composta de todo um ritual que marcava o adeus ao *petit- defunt*. Relembra a proximidade existente com o romance dalcidiano *Três casas e um rio*, no qual, segundo ela, é retratado um enterro nos confins do Marajó: um bando de mocinhas conduz o cortejo fúnebre, algumas carregando o caixão do anjinho, mas, no meio do caminho, ao avistarem uma goiabeira, deixam o caixãozinho sobre um tufo de ervas e uma vaca, aproveitando-se da distração das moças, começa a lambar o rosto do defuntinho e a comer as flores que ornavam o corpo deste.

O Umarizal com suas mutambeiras é lembrado pela escritora. Outro destaque são as “Noites de junho antigo”, com a cidade trescalando das ervas típicas das festas juninas, e o carnaval dos pretinhos, roceiros e marujos, este último grupo folião composto por vendedores de vísceras (bucheiros). Finaliza, lembrando a noite boêmia descrita em “Inesquecível Despedida”, na qual De Campos, Bruno de Menezes, Jaques Flores, dentre outros literatos, festejaram a despedida de solteiro de um amigo no “Bar Paraense”, e ao cair da madrugada, já embriagados, iniciaram uma brincadeira de rodas, cantando feito crianças em pleno Largo de São Brás, à vista dos primeiros transeuntes.

---

<sup>15</sup> *Folha do Norte*, Belém, 18 de junho de 1967.

Biografia sentimental. Com estas duas palavras, o escritor Mário Ypiranga Monteiro – membro da Academia Amazonense de Letras – define o livro de De Campos Ribeiro em artigo publicado no jornal *A Província do Pará* de 19 de setembro de 1968. Neste, ele ressalta o aspecto autobiográfico da obra, que recompõe o passado da cidade por meio das recordações do narrador-personagem, ofertando ao leitor crônicas de cunho memorialístico. As vivências do menino pobre do bairro do Umarizal desfilam nas páginas pela narração das festas tradicionais e dos tipos populares em célebres episódios, resquícios de sua memória prodigiosa

[...] De Campos Ribeiro não escreveu deliberadamente de si próprio, mas nem o homem curtido do jornal poderiam deslocar-se dos quadros daquela cinemática em que surge, **o contador, como personagem**. Realmente, nada mais significativo para a história social de uma comunidade do que o depoimento espontâneo de quem participou do conjunto de experiências a que chamamos de vivência. (grifo meu)

Nesse sentido, a obra é valorizada pelo fato de reconstituir o passado de uma cidade sem deixar de lado o detalhe picaresco e superar as formalidades exigidas pelo texto literário, em se tratando da crônica, haja vista termos a presença de um coloquialismo, beirando a simples prosa cotidiana, mas capazes de fornecer um “manancial precioso de informações antropológicas e históricas” aos estudiosos, pois retrata tipos rueiros e as festas folclóricas com riqueza de detalhes.

Nessa perspectiva, o historiador Vicente Salles<sup>16</sup> inicia seu texto abordando a motivação que envolvia o plano primitivo de De Campos Ribeiro em publicar o livro *Gostosa Belém de outrora* e observa que tal interesse se concretizou na obra do prosador “[...] E eis a crônica urbana de Belém, mais precisamente a crônica de um bairro da capital paraense – o Umarizal – primitivamente habitado por uma população predominantemente negra com suas vicissitudes e suas alegrias”.

---

<sup>16</sup> *Folha do Norte*, Belém, 11 de maio de 1969.

Em seguida, destaca a crescente floração de intelectuais surgida em decorrência do Movimento Modernista de 1922, iniciado em São Paulo, e tendo como adeptos no contexto paraense o prosador De Campos Ribeiro e os demais componentes da “Associação dos Novos”.

A partir da leitura das crônicas, Salles (1969) percebe - tal como o escritor amazonense anteriormente mencionado- um “rico manancial de estórias”, fornecendo ao habilidoso folclorista importante acervo para o empreendimento de suas pesquisas, embora alguns dados tenham passado despercebidos pela pena do escritor, preocupado, primordialmente, em fazer literatura, e dessa maneira, desperdiçou muitos temas magníficos que continuam exigindo dele um registro mais atento. O texto finaliza enfocando esse aspecto, sem desvalorizar o teor literário das crônicas

[...] Mas tôda (sic) cidade tem igualmente um patrimônio cultural que precisa ser ressaltado – não necessariamente com rigor ou pedanteria científica - pelo escritor da província, mas com o cuidado e simplicidade dos grandes conhecedores de seus mistérios. E poucas cidades no Brasil, têm tanto sortilégio como a capital paraense. E De Campos Ribeiro – daquela geração de 22 que se está esgotando – é um de seus profundos conhecedores.

Lançando um olhar minucioso sobre algumas crônicas, percebe-se que a cidade descrita no discurso do narrador apresenta em sua estrutura um espaço demarcado pelas dificuldades socioeconômicas, em sua maioria provenientes dos resquícios deixados pela crise da economia da borracha, pois o período descrito abrange as primeiras décadas do século XX. Nessa perspectiva, o texto literário servirá de suporte para compreender as relações sociais da época reconstruídas pelo memorialista. Desse espaço de contradições, interessará ao presente estudo algumas personagens características como os “pregoeiros” e “as vendedeiras de amor”, designação eufemística atribuída às prostitutas da Avenida Independência da década de 1930, caracterizada por ser uma “rua de duas faces”, pois de dia abrigava os feirantes e à noite, a “vadiaria rufianesca” . .

Tomarei por embasamento teórico as contribuições propostas pela História Nova , haja vista ter sido uma renovação no seio historiográfico e, dentre as várias mudanças, fez do texto literário uma das fontes para se compreender um dado momento histórico. As narrativas da *Gostosa Belém de outrora* estão inseridas nesta perspectiva, porque reconstroem muitos acontecimentos da cidade em forma de crônicas de teor memorialístico e constituem um suporte para o estudioso fazer uma leitura da sociedade paraense do século XX através do discurso do narrador.

## 2 - CRÔNICA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

A literatura sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativamente para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência.<sup>17</sup>

**Lloyd Kramer**

Este capítulo está dividido em três momentos, os quais abordarão questões teóricas relevantes à proposta do presente estudo que consiste em utilizar o texto literário como uma forma de compreender o contexto social da cidade de Belém dos primeiros decênios do século XX, descritos em tom memorialístico nas crônicas do livro *Gostosa Belém de outrora* (1966) do literato José Sampaio de Campos Ribeiro (1901-1980). Primeiramente, far-se-á necessário algumas considerações sobre o gênero crônica, evidenciando sua evolução, além de sua vinculação com o texto jornalístico numa feição mais moderna.

Num segundo momento, discutir-se-á acerca da expansão do universo dos historiadores, sobretudo a partir do século XX, quando ocorreu uma ruptura contra o paradigma tradicional da história positivista do século antecedente, preocupada com a “história dos grandes homens”. Em contrapartida, a “História Nova”<sup>18</sup> sugere que se trabalhe com outras fontes como o texto literário, a fim de chegarmos a uma compreensão histórica, pois reconhece o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica (KRAMER: 1992, p.132). Outro aparato teórico será o da memória (individual e coletiva) em sua vertente contemporânea, ligada aos

---

<sup>17</sup> KRAMER, Lloyd. *Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra*. IN: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 158

<sup>18</sup> A História Nova nasceu em grande parte de uma revolta contra a história positivista do século XIX, preocupada em basear seus conhecimentos na “história dos grandes homens”. Essa nova abordagem expandiu o campo de documento histórico, substituindo uma história fundada essencialmente nos textos escritos por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: documentos figurados, relatos orais, escavações, entre outros.

estudos sociológicos, que a entendem enquanto fenômeno ligado à vida social. Para tal serão utilizadas as contribuições de Henri Bergson (2006) e Maurice Halbwachs (2006).

### **2.1. Crônica: uma prosa do cotidiano.**

O gênero crônica tem seu sentido etimológico tradicional ligado ao deus da mitologia grega *Chronos*<sup>19</sup>, considerado como a personificação do tempo. Tomando por base essa referência ao mito grego, a crônica, inicialmente, designava o relato de acontecimentos (episódios) organizados conforme a seqüência linear do tempo. Nesse sentido, limitavam-se ao registro de eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou atribuir-lhes quaisquer interpretações. Com essa característica, atingiu seu apogeu no século XII, quando se aproximou estreitamente da historiografia. Em Portugal, no contexto do Humanismo (1418) tem-se a figura do cronista-mor Fernão Lopes, responsável por fazer o registro dos feitos dos antigos reis lusitanos até o reinado de D. Duarte. Esse registro era chamado de “caronyca”. No ano de 1434, o cronista passa a ser um escritor profissional, cujo material de trabalho é constituído pela matéria histórica, despojada do maravilhoso e do lendário recorrentes nos “cronicões” medievais, para se ater aos fatos e à interpretação destes.

Na Renascença, a historiografia se afirma como gênero definido e o termo crônica cede lugar à história, finalizando o milenar sincretismo, continuando a ser utilizado ao longo do século XVI no sentido histórico nas *Chronicles of England, Scotland and Ireland* (1577) de Raphael Holinshed ou nas *Chronicles plays*, peças de teatro calcadas em assuntos verídicos da autoria de Willian Shakespeare.

No Brasil, a “Carta de Caminha” é considerada a primeira crônica, escrita a partir de registros feitos pelo escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, o qual relata ao rei D. Manuel as impressões da

---

<sup>19</sup> Segundo a mitologia clássica, o deus Chronos, filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), destronou o pai e casou com a própria irmã Réia. Como eram conhecedores do futuro, Urano e Gaia predisseram-lhe que ele seria, por sua vez, destronado por um dos filhos que gerasse. Temeroso com tal profecia, Chronos passou a devorar todos os filhos de sua união com Réia, mas esta, em certo momento consegue enganar o marido, dando-lhe para comer uma pedra no lugar de uma criança. E, assim, realiza-se a tão temida profecia: o último descendente da prole divina, Zeus, consegue sobreviver e dá ao pai uma droga que o faz vomitar todos os filhos anteriormente devorados, e junto com seus irmãos lidera uma guerra contra o pai que é derrotado.

terra descoberta em 1500, com sua paisagem exuberante e povoada pelos índios com costumes bastante pitorescos, que em contato com os colonizadores europeus, confrontaram culturas divergentes e somadas ao encantamento com as belezas naturais, constituíram matéria para a construção do texto. A “Carta de Caminha” se caracteriza como um texto descritivo, pois seu discurso representa um cenário e os habitantes destes, destacando suas especificidades, ou seja, o rei lusitano toma contato com a terra explorada através da descrição pormenorizada de todo o exotismo, segundo o ângulo do narrador, presente no território desbravado pelos colonizadores portugueses. Da mesma forma, o livro tomado como objeto de estudo desse trabalho apresenta crônicas que descrevem um determinado momento vivido pela cidade de Belém, abrangendo os primeiros decênios do século XX. O cronista De Campos Ribeiro, tal qual o escrivão da armada portuguesa, descreve uma cidade, demarcando nessa descrição, as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelo espaço citadino daquele período.

## **2.2. E do folhetim fez-se a crônica...**

A crônica atinge um patamar literário, sobretudo, a partir do século XIX, a par do desenvolvimento da imprensa. Na França, a imprensa passava por inovações tecnológicas que facilitavam a produção de jornais em larga escala e se beneficiando dessa ampla difusão, a crônica adere ao jornal<sup>20</sup>. Nesse contexto surgem os folhetins, designação originária do termo francês *feuilletons*, palavra criada pelo jornalista Émile Girardin do periódico “La Presse” em 1830. O folhetim era uma espécie de texto localizado no rodapé do jornal e destinado ao entretenimento do público leitor. Segundo Marlyse Meyer<sup>21</sup>, o editor do periódico francês viu nesse suplemento uma estratégia propícia para o aumento da vendagem do jornal, haja vista que tratava de diversos assuntos e era publicado aos pedaços, aguçando a curiosidade do leitor, grande beneficiado por essa nova intervenção literária e fonte de entretenimento

---

<sup>20</sup> MOISÉS, Massaud. **A criação literária- prosa II**. 15ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 102

<sup>21</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Justamente para atingir esse público mais amplo fora a via-mestra da publicação em série, esta vai acabar suscitando uma forma novelesca específica, aquela precisamente com que o termo folhetim vai acabar se confundindo. A almejada adequação ao grande público, a necessidade do corte sistemático num momento que deixe a atenção e o “suspense” levam não só a novas concepções de estrutura (por exemplo, o problema dos fins dos capítulos ou de série, a distribuição da matéria seguindo aquele esquema interativo tão bem evidenciado por Eco) como a uma simplificação na caracterização dos personagens, muito romântica na sua distribuição maniqueísta, assim como a uma série de outros cacoetes estilísticos. Verifica-se, além disso, genial adaptação técnica do “suspense” e ao rápido e amplo ritmo folhetinesco dos grandes temas românticos: o herói vingador ou purificador, a jovem defloradora e pura, os terríveis homens do mal, os grandes mitos modernos da cidade devoradora, a História e as histórias fabulosas etc.<sup>22</sup>

Alguns escritores renomados da literatura universal passaram a se utilizar do folhetim para publicar seus romances, criando assim o chamado romance-folhetim. Dentre eles, podemos citar os franceses Honoré de Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas; os ingleses Charles Dickens e Walter Scott; os lusitanos Camilo Castelo Branco e Júlio Diniz e os russos Dostoievski e Tolstoi.

No Brasil, o folhetim chega na segunda metade do século XIX, sendo que a grande maioria dos escritores desse período passou pelos jornais como Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio Azevedo, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay. Manuel Antonio de Almeida foi o primeiro a publicar os capítulos de seu romance *Memórias de um sargento de milícias* em 1852 nas páginas do *Correio Mercantil*, exemplo seguido por Machado de Assis e José de Alencar, os quais começaram a publicar suas obras primeiro nos periódicos e depois de garantir o sucesso entre os leitores, as publicavam em livros.<sup>23</sup> A imprensa cumpriu então o papel de mediadora entre a cultura e a sociedade, por configurar-se como viabilizadora da leitura, tornando-a um ato social num cenário em que a leitura se torna uma forma do homem atualizar seus conhecimentos relativos ao próprio contexto social através do folhetim.

As crônicas passam de meras narrações a textos que merecem as múltiplas interpretações por parte do leitor, sendo exercitada pelos escritores-

---

<sup>22</sup> MEYER, Marlyse. *op. cit.* p. 31.

<sup>23</sup> José de Alencar publicou *Cinco minutos* no “Diário do Rio de Janeiro” em 1856 e *O Guarani* em 1857.

jornalistas, em geral, estreadores no ofício que viam no jornal um meio propício para publicar seus escritos. Dentre os vários exemplos, merece relevo a atuação de João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), um “cronista mundano por excelência”, que ia ao local dos fatos para melhor investigar e assim dar vida ao seu próprio texto.

A crônica se reveste de uma roupagem mais literária, enriquecida posteriormente por Rubem Braga na década de 1930, exemplo seguido por Raquel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, entre outros. Nessa passagem do continente europeu ao território brasileiro, a crônica assumiu um caráter estritamente literário, sendo, na maioria dos casos “[...] prosa poemática, humor lírico, fantasia, afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses”.<sup>24</sup>

Com relação aos aspectos formais, a crônica apresenta características específicas, sendo a subjetividade a mais relevante de todas. O foco narrativo situa-se na primeira pessoa do singular e o “eu” está presente de forma direta ou na transmissão dos acontecimentos segundo sua visão pessoal, fazendo da impessoalidade uma marca desconhecida e rejeitada pelos cronistas, uma vez que “[...] é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo”.<sup>25</sup>

Na ânsia de comunicar-se, o cronista utiliza uma linguagem coloquial, conferindo à crônica a estrutura de uma prosa solta e despreziosa, bem próxima de uma conversa entre amigos do que propriamente de um texto escrito. O coloquialismo passa a ser a elaboração de um diálogo envolvendo cronista e leitor, a partir do qual a aparência simplória desse gênero ganha sua dimensão exata. No lugar do simples relato de acontecimentos, passou-se a examiná-los pelo ângulo subjetivo da interpretação possibilitado pelo dialogismo entre o cronista e o leitor. Dos periódicos, as crônicas migram para o livro, de onde se amplia o horizonte de interpretações. Nesse sentido, afirma Sá

---

<sup>24</sup> BROCA, Brito. “Crônica na Atualidade Literária Francesa”. Suplemento literário do jornal “O Estado de São Paulo”, 13/09/1958 *apud* MOISÉS, Massaud. *Op. cit.* p. 102.

<sup>25</sup> MOISÉS, Massaud. **A criação literária- Prosa II**. 15ª. ed. – São Paulo: Cultrix, 1996. p. 116.

As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura.<sup>26</sup>

O escritor contemplado por este estudo, De Campos Ribeiro, também se beneficiou do meio jornalístico para exercer sua atividade literária. Cabe aqui assinalar sua atuação em alguns jornais paraenses, dentre eles a *Folha do Norte*<sup>27</sup>, no qual publicou algumas de suas crônicas antes de reuni-las no formato de livro. Neste jornal, o jovem escritor teve a oportunidade de publicar na folha dominical alguns de seus escritos, como ele próprio afirma no prefácio da *Gostosa Belém de outrora* (1966)

São crônicas leves, escritas ao sabor das lembranças, sem pretensões a História, mas também longe de ser as chamadas estórias...

Assim escrevi, ao anunciar, com a divulgação da primeira destas narrativas, o propósito de lançá-las em livro.

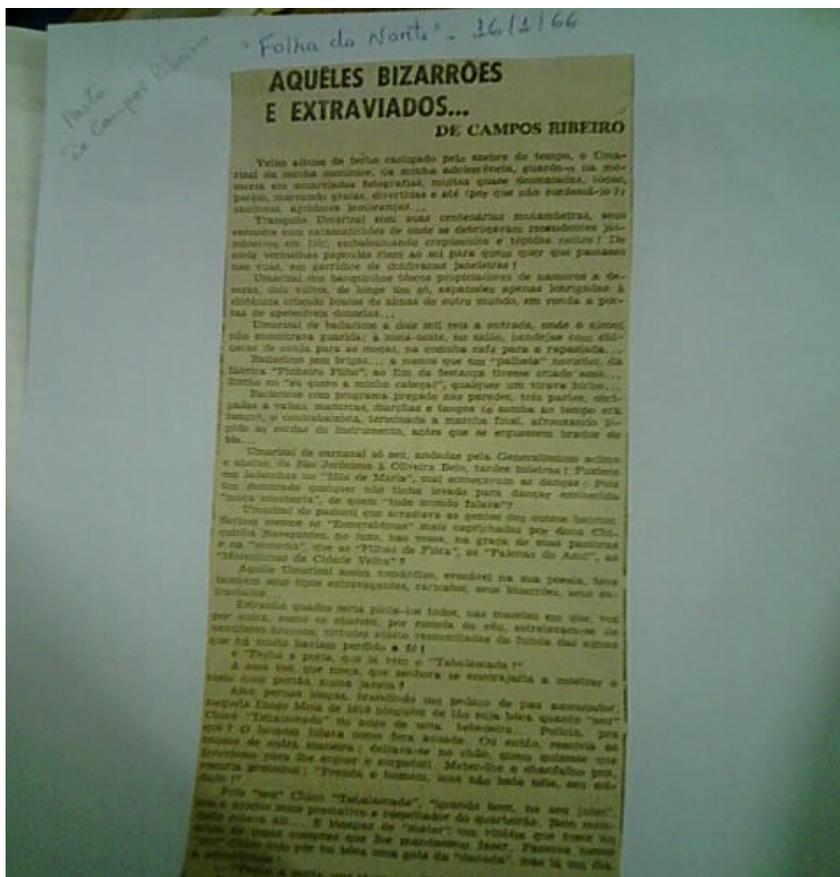
**[...] Ao dar lume, nas colunas domingueiras da “Folha do Norte”, algumas delas, fi-lo como teste de receptividade e o resultado foi de estimulação confortadora... (grifos meus)**

No depoimento do escritor percebe-se a importância da imprensa para a divulgação de sua produção escrita. Assim como para outros escritores brasileiros já mencionados, o jornal foi um para ele um suporte no qual pôde, inicialmente, fazer vir à tona o passado do bairro paraense do Umarizal, fonte de onde partiu para escrever suas crônicas, estas caracterizadas por um teor altamente memorialístico. Na figura abaixo, temos a crônica “Aqueles bizarrões e extraviados...”, uma descrição dos principais tipos humanos que povoavam o Umarizal da meninice do escritor.

---

<sup>26</sup>SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed., São Paulo: Ed. Ática, 2005.p. 85- 86.

<sup>27</sup> Além do jornal mencionado, De Campos Ribeiro trabalhou na *Província do Pará, Correio do Pará e Estado do Pará*. Foi colaborador da revista *Belém Nova*.



**Fig. 6:** Recorte do Jornal “Folha do Norte” datado de 16/01/1966 pertencente ao acervo biográfico do escritor De Campos Ribeiro na Academia Paraense de Letras.

Depreende-se daí a importância do jornal para a produção escrita do cronista paraense. De seu ângulo de observador, pôde reunir em forma de narrativas pitorescas suas experiências vivenciadas no bairro do Umarizal das primeiras décadas do século XX e transpô-las ao texto escrito, compartilhando com o leitor suas memórias da *Gostosa Belém de outrora*, transformando uma experiência individual em coletiva, graças ao prodigioso dom da escrita, que salva do esquecimento um tempo passado, atualizando-o a cada releitura.

### 2.3. A conversão do olhar histórico no século XX: a História Nova.

Das narrativas de De Campos Ribeiro emerge outra face do cenário urbano, a da periferia, e suas dificuldades socioeconômicas decorrentes do poder político local, benevolente apenas com a parcela elitista, privando das benesses governamentais a população periférica da cidade, representada pelo memorialista na figura dos “pregoeiros” e das “vendadeiras de amor”.

Considerando esse aspecto é que reside a relevância em trazer a guisa de discussão o escopo teórico proposto pela História Nova, pelo fato da mesma recorrer aos textos literários a fim de compreender um dado momento histórico, expandindo as fronteiras da erudição histórica para além de suas limitações tradicionais e reconhecendo o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica.

Corria a década de 1920 e o mundo científico passava por profundas transformações. Dentre elas, destacou-se, no seio da historiografia, uma ruptura significativa contra os padrões institucionais vigentes da história tradicional, preocupada com a “história dos grandes homens”, deixando à margem dos estudos outros tipos de história, como a da arte e das ciências, por serem considerados periféricos em relação aos interesses dos historiadores tradicionalistas do século XIX.

O historiador Lloyd Kramer em seu texto “Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra”<sup>28</sup> observa que a renovação intelectual entre os historiadores modernos é resultante da disposição dos mesmos em recorrer a outras disciplinas acadêmicas em busca de *insights* teóricos e metodológicos, levando a uma expansão e redefinição da orientação política da historiografia tradicional, que pensava o fazer histórico como uma narrativa dos acontecimentos protagonizados pelos “grandes homens”, evidenciando aspectos políticos. A História Nova, entretanto, passou a se interessar por toda atividade humana.<sup>29</sup>

Descontentes com esse paradigma, os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre lançam, em Estrasburgo, a revista *Annales d'histoire économique et sociale* em 1929, e este ato foi considerado crucial para o nascimento da Nova história.<sup>30</sup> As idéias divulgadas nesta revista inspiraram a fundação, no ano de 1947, de uma instituição de investigação e ensino em ciências humanas e sociais da *École Pratique des Hautes Études*, transformando-a em 1975 na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, definindo-se como um estabelecimento em que a história tinha um lugar importante e mantinha um diálogo interdisciplinar com a geografia, economia, sociologia, antropologia, psicologia, lingüística e semiologia, assegurando a

---

<sup>28</sup> HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131.

<sup>29</sup> Segundo o historiador Peter Burke (1992: p. 11), a primeira metade do século XX testemunhou a história das idéias e o que era considerado imutável, passou a ser encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço.

<sup>30</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**- 5ª Ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 129.

difusão, na França e em outros países, das idéias oriundas dos *Annales*. Acerca dessa nova abordagem da história, Peter Burke faz a seguinte observação

[...] A revista fundada por eles [...] fez críticas implacáveis a historiadores tradicionalistas. A exemplo de Lamprecht, Turner e Robinson, Febvre e Bloch opunham-se ao predomínio da história política. **Ambicionavam substituí-la por algo a que se referiam como uma “história mais ampla e mais humana”,** que abrangeria todas as atividades humanas e estaria menos preocupada com a narrativa de eventos do que com a análise das “estruturas”.<sup>31</sup> (grifos meus)

As palavras do historiador Peter Burke trazem o propósito dessa renovação empreendida pelos professores Marc Bloch e Lucien Febvre: expandir a história para além das barreiras impostas pelo tradicionalismo da história política, até então o modelo predominante, designado de “[...] a visão do senso comum da história [...] considerado a maneira de fazer história ao invés de ser percebido como uma dentre as várias abordagens possíveis do passado.”<sup>32</sup> De um universo fechado, a história passa a se expandir ao se apropriar de outras formas de conhecimento.

Essa abordagem proposta pela História Nova faz do texto literário uma das formas para se compreender uma determinada realidade, tendo em vista o caráter representativo das narrativas. Emolduradas sobre o suporte da crônica, um gênero literário que prima pelo comentário de um fato do cotidiano em tom coloquial, o passado da capital belenense é recomposto em detalhes até então desconhecidos, reconstruídos pela memória do narrador-personagem, tecida a partir de suas vivências particulares, mas que contribuem para a compreensão de um determinado momento ocorrido na cidade, a exemplo da presença de uma vertente modernista no Pará na década de 1920, a “Associação dos Novos” e dos contrastes sociais representados pelas figuras dos “pregoeiros” e das “vendedeiras de amor” da Avenida Independência de 1930, temáticas presentes nas crônicas que constituem o *corpus* de análise deste trabalho e

---

<sup>31</sup> BURKE, Peter. **História e teoria social**. – São Paulo: Editora da UNESP, 2002. p.30.

<sup>32</sup> BURKE, Peter. **A Escrita da História**. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.p. 10.

são os objetos constitutivos das lembranças do protagonista, o qual revive o passado da cidade por intermédio de representações, a saber, as narrativas.

As lembranças do narrador-personagem partem de sua experiência individual, mas ajudam a reconstituir a coletividade do espaço narrado a partir de sua memória, definindo o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamentando e reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais, conforme veremos explicitado no discurso do narrador da obra em estudo. Nas crônicas, escritas em tom memorialístico, há uma constante referência ao passado, servindo para estabelecer a coesão entre os grupos e instituições de uma sociedade.

## 2.4. Memória

Em se tratando da memória numa esfera individual, o teórico Henri Bergson discorre sobre as diferenças existentes entre as tipologias memória-lembrança e memória-hábito no segundo capítulo de seu livro *Matéria e Memória* (2006), demarcando as devidas diferenças existentes entre elas. Em sua primeira hipótese, ele demonstra que o passado sobrevive em mecanismos motores ou em lembranças independentes. A memória, utilização da experiência passada para a ação presente, realiza-se pela ação ou implicará num “trabalho de espírito”, buscando no passado as representações mais capazes de se inserir na atualidade, a fim de dirigi-las ao presente. Nessa reconstrução do passado belenense das primeiras décadas do século XX, o memorialista De Campos Ribeiro tem suas lembranças definidas, de acordo com o termo bergsoniano, como uma “memória por excelência”.<sup>33</sup>

Os objetos de suas lembranças são constituídos por acontecimentos e detalhes de sua vida, cuja essência é ter uma data e, conseqüentemente, não se reproduzir jamais.<sup>34</sup> Na leitura das crônicas essa relação é visível, pois o escritor faz referência a datas, personagens, fatos ocorridos na cidade, dos quais ele participou ou apenas testemunhou. Um exemplo está no prefácio do

---

<sup>33</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. -,2006,p.91

<sup>34</sup> BERGSON, Henri. *op.cit.* p.90.

próprio livro, no qual o autor corrobora ser protagonista ou simplesmente testemunha dos episódios narrados

[...] Episódios, tipos, cousas [sic] interessantes da vida de Belém nas duas primeiras décadas do século, **vistas, algumas até vividas, da meninice à adolescência**, envolvia o primeiro plano. Relembanças mais recentes, dos dias da plena ensolarada mocidade, inquieta de sonhos que faz bem evocar, levaram-me, porém, a incluir nestas páginas outras figuras, outros fatos. (grifos meus)

Este trecho confirma que as narrativas de De Campos Ribeiro são tecidas de suas vivências e até de fatos apenas por ele testemunhados. De sua experiência individual se torna possível ter conhecimento dos aspectos coletivos da sociedade paraense. Para tratar de dimensão da memória que ultrapassasse o plano individual, temos os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1877-1945) que foi o primeiro estudioso a cunhar o termo “memória coletiva”, contrariamente à teoria dominante nas pesquisas, das quais se destacam os nomes de seus contemporâneos como o seu mestre Henri Bergson, Marcel Proust, William James e Sigmund Freud, todos voltados, cada qual a seu modo, para o estudo da memória como forma de conhecimento da realidade, amplamente fundada em características subjetivas. Bergson construiu sua teoria partindo da premissa da mediação entre atitudes adaptativas, orgânicas, intuição e subjetividade; Freud, por sua vez, desenvolveu conceitos que tinham por base diferentes sistemas psíquicos, um referenciado na “matéria” e outro na relação do indivíduo com o mundo, trazendo ao corpo humano a dualidade matéria e espírito.

Halbwachs, todavia, deslocou o eixo de debate ao afirmar que as vivências do passado estariam materializadas na sociedade e não em nossos corpos e mentes, como propunham seus antecessores. Contrapondo-se a esses autores, ele inaugura nesse campo de estudo a idéia de que as memórias de um indivíduo nunca são suas e não existem lembranças apartadas da sociedade. Para este sociólogo, os indivíduos se recordam de

acordo com as estruturas sociais que os antecedem, e enfatizou, além disso, que nossas lembranças do passado fazem parte de construções sociais realizadas no presente.<sup>35</sup>

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele.<sup>36</sup>

Depreende-se da tônica da teoria deste sociólogo, que se preocupou em estudar os quadros sociais da memória, abrindo espaço para uma tematização dos sujeitos- que -lembram e das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas, diferentemente de seu mestre Henri Bergson, as relações a serem determinadas não ficarão restritas ao mundo da pessoa (relação corpo e espírito), mas voltadas à realidade interpessoal das instituições sociais, haja vista, a memória de o indivíduo depender do seu relacionamento com as instituições formadoras: família, classe social, escola, profissão, os grupos de convívio e de referência peculiares a ele.<sup>37</sup> Segundo sua perspectiva, as memórias não estariam materializadas no corpo ou na mente, mas na sociedade circundante e dos diversos grupos que a compõem. E para recordar, o indivíduo se utiliza de convenções sociais, pontos de referência determinados socialmente

[...] o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são **as palavras e as idéias**, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu

---

<sup>35</sup>SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003. p.34-5

<sup>36</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. – São Paulo: Centauro, 2006. p. 51

<sup>37</sup>BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**.3ª.ed. – São Paulo: Companhia das Letras,1994.p. 54

ambiente. [...] Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou de leituras – mas esta é uma memória tomada de empréstimo, que não é a minha.<sup>38</sup> (grifos meus)

Mesmo se tratando de uma experiência individual, em que o indivíduo carrega em si a lembrança, vale lembrar que ele interage com a sociedade, porque a memória aparentemente particular remete a um grupo denominado pelo teórico de “comunidade afetiva”. O outro tem papel fundamental nas lembranças. Qual seria então a função dessa memória coletiva? A resposta a esse questionamento está no fato de a memória coletiva contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum que compartilha memórias, garantindo o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada, não só no campo histórico, do real, mas, no campo simbólico. O instrumento socializador da memória é a linguagem que reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências diversificadas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

Este último ponto referente à linguagem tem relevância no tocante às narrativas que constituirão o *corpus* de análise, porque para expressar suas lembranças, o narrador remete-nos a um passado longínquo, socializando suas vivências no enunciado, fazendo-nos participar de um contexto diferente do nosso pela leitura, na qual nos tornamos cúmplices no ato interpretativo, e durante a leitura, tem-se a possibilidade de expandir o leque interpretativo do texto literário, revestindo-o de múltiplos significados. Apreende-se assim que a memória é social, semelhantemente à linguagem, tornando-se concreta somente quando é mentalizada ou verbalizada pelas pessoas, conforme nos aponta Portelli<sup>39</sup> ao afirmar que a memória embora seja individual ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.

---

<sup>38</sup> HALBWACHS, Maurice. *op. cit.* p. 72

<sup>39</sup> PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História oral”. IN: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e do Departamento de História da PUC/São Paulo, 1981, n. 15(abril/1997). p. 16

Dessa socialização é que se alimentam as lembranças narradas pelo cronista, pois migrando para o livro, as crônicas tendem a deixar de ser um gênero efêmero, como ocorria na época em que eram publicadas no curto espaço dos periódicos, e passam para a esfera da imortalidade, salvas do esquecimento, no qual a memória tem um papel indispensável, possibilitada pela interação da leitura.

Ressalte-se ainda que a memória é uma construção discursiva, cujo passado, enquanto temporalidade constitui o ponto de convergência com a operação histórica, pois história e memória se utilizam do tempo passado como substrato de suas construções. A dissonância em relação à operação histórica consiste no fato de que a memória histórica é tecida do apelo individual para atingir uma dimensão coletiva. Recria o passado, operando temporalidade como textualidade, fundindo referências que estabilizam o presente

[...] Mais do que pura representação, a memória afirma-se diferentemente da história pela capacidade de assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado muitas vezes sepultado, sempre isolado do presente pelas muitas transformações, pelos cortes que fragmentam o tempo. **Memória como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o hoje inexistente.**<sup>40</sup> (grifos meus)

No cenário moderno, o memorialista cumpre a função de retomar as origens, reconstruindo, mesmo que em fragmentos o passado. Com afetividade, conecta o homem presente às suas origens através do passado, considerado “[...] local de resguardo contra um presente incômodo que rompe, ao mesmo tempo, com a possibilidade de tradição - e por decorrência, da continuidade” (*Idem, Ibidem*, p. 295).

Em seu olhar saudosista, o narrador das crônicas mantém uma atitude crítica em relação aos fatos narrados, e como será observado no decorrer da leitura, ele trará à tona em seu discurso o lado periférico do espaço urbano e

---

<sup>40</sup> PINTO, Júlio Pimentel. "A poética da memória". IN : **Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges.**- São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP,1998. pp.292-293

suas contradições, representado pelos personagens à margem da sociedade como os “pregoeiros” e as “vendadeiras de amor”. Essas crônicas apresentam em sua estrutura um período de “dores e dissabores” no âmbito político, e principalmente, no econômico, em decorrência da crise no mercado da borracha ocorrido no primeiro decênio do século XX.

### 3 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA OBRA DE DE CAMPOS RIBEIRO

“Formosa e triste assim, no estranho e eterno  
Contraste das ambições e de desvelos,  
Amo-te assim... Assim, eleita  
Canção do céu e negra flor do inferno,  
Cidade inquieta e sonhadora, feita  
De sonhos brancos e de pesadelos!  
Formosa e triste... Vives nos meus olhos,  
De braços, sobre o cais, em tuas águas...  
Vives. E a um céu noturno choras... E esmas  
Na sombra, em teus refulhos,  
Dos teus delírios pelas próprias mágoas  
Todas as tuas agonias mesmas.  
Tenho-te na alma: desde as alegrias das ruas  
De arrabaldes, amplas, direitas,  
Até o acervo de saudades frias  
Desse recolhimento que te engelha,  
Nessas ruas feudais, essas estreitas  
Ruas sombrias da “Cidade Velha”.

#### 3.1 O contexto de Belém

O fragmento supracitado compõe o poema “Cidade da Beleza e da amargura” presente na obra *Horas da Tarde* (1970) pertence à produção poética de De Campos Ribeiro. Nesses versos evidencia-se um espaço urbano caracterizado pelos contrastes socioeconômicos. É a Belém do início do século XX, ainda vivendo os resquícios da crise da economia gomífera. Em seu livro de crônicas, o prosador abrange um contexto no qual a cidade passou a enfrentar dificuldades, das quais as maiores vítimas foram as pessoas residentes nas zonas periféricas.

No campo econômico, a cidade passa por um processo de decadência motivada pela queda do preço da borracha no mercado internacional, por ser inviável disputar com os capitalistas da Malásia. A partir de 1910 quebra-se o monopólio e a região se torna um imenso território empobrecido, abandonado,

enfrentando o “[...] marasmo característico das terras que viveram um ‘fausto artificial’<sup>41</sup>.

As duas primeiras décadas do século XX são denominadas de acordo com a ótica da historiadora Edilza Fontes<sup>42</sup> de um período de “dores e dissabores” e essa designação se justifica pela difícil situação socioeconômica enfrentada pela população pobre do Pará, tendo em vista que os investimentos políticos estavam voltados para o mercado externo. Na década de 1920, os governos repetiam erros administrativos do primeiro período republicano, comprometendo estruturas burocráticas, segurança pública, rede de ensino e até o poder judiciário. Sob o regime do “calote” estavam os professores, soldados, cabos, sargentos e magistrados.

Das estruturas burocráticas citadas a que mais enfrentou dificuldades devido ao atraso de pagamento foi o setor educacional representado na crônica “O incomparável Professor Berilo”<sup>43</sup>. Esta narrativa gira em torno de um personagem que compôs as memórias de De Campos Ribeiro, o professor Bento Berilo e Silva, ex-diretor do Grupo Escolar de Muaná. O primeiro contato entre eles se deu à época em que o narrador atuava como repórter do jornal *A Província do Pará*. Assim é descrita a peregrinação do professor Berilo em busca de seu salário

Vestisse o velhusco mulato uma túnica de estamemha e sua figura sofredora, de resignação evidente, que modelo daria para a estátua de um Santo!

Seu vulto de extenuado passo diariamente era pincelada rude na paisagem citadina, descendo, manhã cedo, da distante “Magno de Araújo”, no “São João do Bruno”, até o Palácio do Governo. E para lá voltando a plena solama de após meio-dia... [...] Ninguém que cruzasse com o esquisito caminhante nas habituais descidas e subidas, pela “Estrada de São João”, Vinte e Oito de Setembro, Treze de Maio, suspeitaria que no velho de obscura presença pulsava o bravo coração, vibrava o faulante espírito de humilde Mestre-Escola de interior que soube altear seu ofício às culminâncias da decência e do respeito...

---

<sup>41</sup> SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994. p.. 147. Ainda a respeito desse período “fáustico” (*Belle Époque*) ver o trabalho de Edineia Mascarenhas Dias intitulado **A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 2007.

<sup>42</sup> FONTES, Edilza. O “Pilão Fardado”, Histórias do Baratismo (Pará – 1930 a 1935) IN: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Contando a História do Pará, v. II: Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (século XX)**. Belém: E.Motion, 2002.

<sup>43</sup> RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de outrora**. p. 113-116.

Nesse fragmento evidencia-se a comiseração do narrador pela figura do professor, segmento menosprezado, tendo de se submeter às inúmeras privações em decorrência do atraso dos pagamentos. Mesmo sob essas condições, o personagem deixava transparecer uma imagem de dignidade e respeito, contradizendo a situação de penúria em que se encontrava, nos dias de 1923, considerada época de

[...] vexatória amargura para o funcionalismo público do Estado. Meses a fio sem ver a cor dos vencimentos, vivia ainda à irrisão de desalmados que lh'os compravam, com a paga apenas de miseráveis trinta por cento...

O Professor Berilo, mesmo fazendo parte dessa categoria tão esquecida pela esfera governamental, não se deixava abater. Disponha de uma beleza de espírito e era apreciador da poesia. Proporcionava boas palestras e congregava nas reuniões realizadas em sua residência, onde nas tardes de domingo era ponto de encontro dos amantes da poesia. Desses encontros, De Campos Ribeiro relembra saudosamente

Ah! Saudosas sessões literárias coruscantes da juventude e de esperança! Inesquecíveis vaidadezinhas de Poetas cercados de moçoilas inebriadas de românticas, explosivas ternuras, pedindo versos em álbuns decorados de decalcomanias, com beija-flores bicando corolas vermelhas, lânguidos amores-perfeitos em solitários cantos de página!...

O Professor Berilo, nessas ocasiões, esquecia suas canseiras inúteis nas idas e vindas ao Tesouro, os pés não temiam acidentes do caminho, que os tinha, confortados, em cômodos e singelos tamancos, que não custavam mais de seiscentos réis na quitanda da esquina...

Ele era um exímio declamador dos versos de Castro Alves, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa e do poeta muanaense Santa Helena Magno. Reunia a juventude talentosa do bairro numa associação literária de cujo nome o narrador não recorda. Numa dessas poéticas tardes, foi apresentado ao grupo

[...] um caboclinho de ar ingênuo, meio bisonho que, meia hora depois, dizendo seus versos ganhava a simpatia do nosso grupo. O rapaz tinha nome de gente do interior, viera de

Cachoeira: Dalcídio. Aquele Dalcídio José Ramos Pereira seria, muitos anos depois, o consagrado romancista Dalcídio Jurandir...

E realmente, o tímido caboclo marajoara consagrou-se um frutífero romancista, produzindo um ciclo de romances chamado de “Ciclo do Extremo Norte”, sendo contemplado com o prêmio “Dom Casmurro” pela Academia Brasileira de Letras com a obra *Chove nos campos de cachoeira*. Após mencionar sobre seu primeiro contato com Dalcídio Jurandir, ainda iniciante nas letras, o narrador irá tratar das transformações advindas com a sucessão governamental, agora sob a gestão de Dionísio Bentes que promoveu reformas na Educação do Estado

Um dia as cousas [sic] políticas mudaram. Dionísio Bentes, eleito Governador, restituiu ao professorado a dignidade que a fome ameaçara destruir totalmente.

E um homem para quem o Pará tem dívida imensa, o idealista que fez renascer o que depois seria o Conservatório “Carlos Gomes”, sendo Professor, não se esqueceu de seu vilipendiado colega Professor Bento Berilo e Silva.

Esse homem chamava-se João Pereira de Castro. Chamado para alta função no Ensino, deu ao Professor Berilo o lugar que lhe cabia, fê-lo docente do Grupo Escolar “Paulo Maranhão”, ali na Independência, fronteiro ao “Vilhena Alves”, denominação que no estabelecimento substituiu àquela depois da Revolução de Trinta.

A crônica finaliza abordando as mudanças tanto na área política quanto na própria figura do Professor Berilo, o qual obteve, juntamente com sua categoria, a dignidade restituída

Encontrei ainda algumas vezes o Professor Berilo. Era outra figura, no seu fato de brim de impecável brancura, as botas lustrosas, um guarda-chuva com a “compostura” de seu estado de novo...

[...] Nunca, porém, se me apagou da memória o bom tempo, para ele tão mau, em que cheio de calor, e talvez de fome, recitava-nos Castro Alves e Santa Helena Magno aquele inesquecível, aquele incomparável Professor Berilo...

Em termos políticos, a situação era marcada pelo governo de oligarquias locais, distanciadas dos grupos populares e caracterizada pelo

autoritarismo, perseguições e fraudes eleitorais. Nesse sentido, surgiram movimentos oposicionistas que congregavam as camadas médias urbanas tais como professores, médicos, intelectuais, jornalistas, militares e camadas populares em geral. A oposição propunha a modernização do país pela instalação de uma nova dinâmica socioeconômica, buscando a industrialização de um país até então predominantemente agrário. Dessa forma, era necessário destruir o monopólio de poder das oligarquias tradicionais. Entretanto, a Aliança Liberal<sup>44</sup> perdeu as eleições presidenciais de 1930, gerando um movimento para depor o presidente eleito Washington Luis.

Após a Revolução de 1930, Magalhães Barata assumiu o governo do Pará na qualidade de interventor, definindo como lema governamental o saneamento e a restauração, pois pretendia “[...] sanear o ambiente moral do Estado, restaurar os direitos postergados pela prepotência das oligarquias e a fortuna arruinada pela inépcia dos governantes.”<sup>45</sup> Para obter a primeira meta - o saneamento das finanças do Estado - tentou provar a sonegação de impostos por parte de várias firmas comerciais, interditando os bens de alguns políticos tradicionais como Dionísio Bentes, Antônio Souza Castro e Eurico Valle. Outras medidas foram a redução do número de servidores estaduais e a reforma tributária de 1933, caracterizada pelo aumento e agilização na cobrança de impostos.

Barata obteve significativo apoio popular devido algumas realizações de seu governo, propiciadas pela boa situação do comércio da castanha-do-pará no mercado externo. Assim, ele pôde pagar funcionários, algumas dívidas estatais e construir obras públicas. Na condição de líder das massas populares, iniciou um novo estilo de governar, abrindo as portas do palácio para qualquer pessoa que solicitasse uma audiência

[...] Dessa forma, pessoas com problemas simples conseguiam acesso ao governante, que, mesmo com soluções provisórias, lograva criar em torno de si uma aura de bondade, de nobreza e de sentimentos de igualdade, posto que se comportava com simplicidade ao receber os menos favorecidos.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> A Aliança Liberal reunia gaúchos, mineiros, paraibanos, opositores do Partido Republicano e da tradição política do café-com-leite.

<sup>45</sup> Trecho da entrevista concedida pelo intendente Magalhães Barata ao jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, transcrita no *Estado do Pará*, edição de 10 de janeiro de 1931.

<sup>46</sup> FONTES, Edilza. *op. cit.* p. 36.

A interiorização do governo foi outra estratégia por ele utilizada. Pessoalmente, percorreu inúmeros municípios do interior do Estado, levando em suas viagens medicamentos, alimentos, roupas, médicos, dentistas e barbeiros. Estimulou também a criação de sindicatos, organizados em federações controladas pelos apoiadores do governo, normatizou o horário de trabalho e criou uma assistência judiciária civil para proporcionar apoio às esferas carentes da população. Apesar de toda essa política assistencialista, controladora e atreladora dos organismos sindicais dos trabalhadores, diversos segmentos se manifestaram desfavoravelmente e construíram diversas resistências

As décadas de vinte e trinta foram marcadas por um grande número de greves, paralisações, movimentos enfim que pontificaram a luta dos trabalhadores dos mais diferentes lugares do Brasil, por melhores condições de vida e de trabalho. Em Belém não foi diferente e como em outras cidades, em diversas situações de conflito, os problemas sociais foram tratados como questão policial, ou seja, a repressão sob a forma de demissões, espancamentos e prisões de trabalhadores eram os meios mais utilizados pelas autoridades dirigentes para “resolver problemas” das classes trabalhadoras.<sup>47</sup>

Nesse ambiente de protestos, Barata perde seu prestígio. No ano de 1935, embora desejasse a reeleição para o governo do Pará, havia sérias insatisfações relativas ao seu mandato, impossibilitando sua permanência no poder. Atritos com os comerciantes, desentendimentos no seio do grupo político e agitação dos trabalhadores levaram seu governo a uma inevitável crise.

### **3.2. De Campos Ribeiro: o prosador de uma cidade tumultuada**

A arte de narrar é valorizada em toda a sua plenitude no ensaio de Walter Benjamin, cujo título é “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”.<sup>48</sup> Neste texto, datado de 1936, a narrativa, segundo o

---

<sup>47</sup> FONTES, Edilza. *Op. cit.* p. 38.

<sup>48</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** – 7ª. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221

ensaísta, conserva suas forças depois de muito tempo, e mesmo assim, ainda é capaz de se desenvolver. Benjamin exemplifica a atualização do texto literário citando a história do antigo Egito, que mesmo de caráter milenar, ainda suscita espanto e reflexão e se assemelha às sementes de trigo que ficaram fechadas nas pirâmides durante milhares de anos, conservando seu potencial germinativo até hoje. E a maior responsável para manter essa força é a memória, elemento chave utilizado pelo narrador das crônicas em estudo para trazer à tona o cotidiano da cidade de Belém dos primeiros anos do século XX, contemplando nessas narrativas um espaço citadino marcado pelas intensas dificuldades socioeconômicas.

A leitura da obra *Gostosa Belém de outrora* nos levou a conhecer a realidade através da crítica e até do toque humorístico presente no discurso do narrador. De Campos Ribeiro, ao narrar sobre o passado de Belém “[...] leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.<sup>49</sup> Assim, o texto literário se torna um suporte para se compreender um determinado momento histórico conforme já discutido nos capítulos anteriores, pois a literatura

[...]fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. **Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.**<sup>50</sup>

Partindo dessa premissa é que consiste a relevância em se estudar a obra *Gostosa Belém de outrora*. Em forma de saudosismo, o autor expressa pela linguagem a dimensão sócio-histórica de Belém das primeiras décadas do século XX, palco de alguns personagens, como as “vendedeiras de amor”, atribuição eufemística concedida pelo narrador às prostitutas, e dos pregoeiros, vendedores ambulantes das ruas do Umarizal.

### 3.2.1. As “vendedeiras de amor”

---

<sup>49</sup> BENJAMIN, Walter. *op. cit.* p. 223.

<sup>50</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. – São Paulo: Brasiliense, 1983.p. 21.

A decadência econômica era visível e é desse contexto que o cronista De Campos Ribeiro parte para escrever suas narrativas. Emolduradas sob um tom memorialístico, elas depõem, implicitamente, uma crítica ao sistema social, mostrando o lado marginal, decadente e noturno da cidade de Belém desse período, conforme ilustra no excerto abaixo

Rua de duas faces era, caracteristicamente, feira 'sui-generis'. De dia, refinamentos urbanos, tranqüila e comodamente, ombreavam com quitandas de variada mercancia [...] De noite, no longo passadiço que, da 22 de Junho à Castelo se estendia, logo após o apito das nove no Utinga, de vendedeiras de amor. Casais, em que não rara era a presença de soldados da polícia [...] E borborinhantes as baiúcas, que eram cafés, restaurantes e também escondilho da vadiaria rufianesca.



**Fig. 7:** Avenida Independência (início do século XX).

A crônica “Estranho Oliímpio aquele café” apresenta como tema a prostituição das jovens oriundas do interior do Pará. Nessa narrativa há, implicitamente, uma crítica ao sistema social, que exclui do mercado de trabalho a classe subalterna, obrigando-a a adentrar no lado marginal como fizeram as adolescentes descritas pela crônica. O ambiente é a Avenida Independência de 1930, ponto de encontro da boemia, composta em sua maioria por jovens literatos, e pelas mulheres que peregrinavam na faina do “desgraçado ofício”. De Campos Ribeiro mostra nesse texto uma faceta

marginalizada do núcleo urbano, que ao se encontrar sem oportunidade, vê na prostituição uma forma de sobrevivência. Muitas dessas mulheres provinham do interior em busca de melhores condições de vida na capital, mas sem grandes perspectivas ingressam por esse caminho obscuro

Abundavam, então, entre o mulherio, **adolescentes importadas de Bragança, das praias do Maranhão, de Vizeu, de Urumajó...** Deambulavam, rua acima, rua abaixo, por vezes até madrugada, a chave do quartinho de moradia, presa num barbante, rolando no indicador. Enfurnado no colo, por dentro da blusa, o lenço de que uma ponta, bem amarrada em nó, era o minguido mealheiro. Tinham todas a mesma história... Casa de muita gente e pouca comida. Um comerciante “baludo”, o sonho de melhoração... (grifos meus)

Tratadas como um “produto” a ser comercializado, essas mulheres provinham das regiões interioranas em busca de melhores condições de vida na capital. Infelizmente, o tão almejado “sonho de melhoração” estava longe de ser concretizado, face às humilhações a que elas estavam submetidas. Observando as noites boêmias da cidade, o narrador-personagem se comisera diante da precariedade vivida por essas mulheres na luta pela sobrevivência, sem conforto e condições de se alimentar dignamente

Quantas que teriam dormido o dia inteiro, encontravam a refeição única do dia numa lingüiça assada na brasa, com farinha grossa, cujo preço de oitocentos réis eventual e generoso acompanhante pagaria!... Ou um café grande, com leite e pão, que custava tão só seiscentos réis... com um pedaço de queijo duro, do Ceará, isso mais longe: mil e duzentos réis!

Essa sua preocupação com o lado social vem de longa data. Na revista Belém Nova<sup>51</sup>, importante veículo de divulgação dos ideais modernistas no Pará, ele publicou um poema intitulado “As criancinhas do arraial”, demonstrando nos versos seu interesse pelo cotidiano dos habitantes pobres da cidade, incorporando na literatura a realidade social e urbana de Belém do começo do século

---

<sup>51</sup>RIBEIRO, De Campos. *As criancinhas do arraial*. Belém Nova, Belém, n. 1. p. s/n, 15 de setembro de 1923.

Pela avenida iluminada  
dentro da festa do Arraial,  
os pequeninos  
que têm fome,  
esses meninos  
que não têm pai, que não têm nome  
passam na vida resignada  
dos que não sabem porque sofrem tanto mal  
E que tristeza comovida,  
ai que tristeza nos olhinhos  
olhos que, à noite, eu sempre vejo,  
que eu vejo sempre a olhar a vida,  
olhando, triste, num desejo  
os barracões de brinquedinhos.

O eu- lírico lamenta o fato de as criancinhas abandonadas não poderem usufruir dos mesmos privilégios de uma criança de família abastada. Sente-se comovido diante dessa situação, ao saber que no arraial nazareno, onde muitos se divertem, existem pessoas entregues a pouca sorte, sem poder ao menos sonhar com uma infância feliz. De maneira análoga a descrita no poema, o narrador da crônica desnuda uma triste realidade, a da prostituição, mostrando um posicionamento crítico no tocante à vida dessas mulheres, as quais vêm nesse trabalho a forma para sobreviver, mesmo indignamente, numa capital repleta de contrastes socioeconômicos.

### **3.2.2. Os pregoeiros do Umarizal**

Em outra crônica intitulada “Eram baixos seus coturnos” temos como personagens principais os pregoeiros, trabalhadores ambulantes que percorriam as ruas da cidade anunciando seus produtos ao som dos

melodiosos pregões.<sup>52</sup> Muitas dessas figuras fizeram parte do cotidiano do narrador-personagem que os descreveu nesses termos

Personagens características na fisionomia das ruas foram no Umarizal de outrora bizarras, sonoras figuras de pregoeiros de doces, de mingau, de ovos e galináceos, de garrafadas, hervas [sic] e raízes miraculosas, de par com marralheiros compradores de joias [sic] inutilizadas, pedaços de anéis, brincos, cordões...<sup>53</sup>

Dessas imagens de infância, reconstruídas por suas lembranças, o narrador não perdeu de vista o estrangeiro comprador de ouro quebrado e seu sotaque peculiar no anúncio de seu produto

– “Ouro quebrado pra vender? Eu compra... Ouro quebrado, meu fregueza...” [sic]

Batiam, com certo faro, preferentemente a portas de barracas, onde difícil era faltar algo com que fazer bom negócio...

Alguns, munidos de ácido e pedra, com ares de ourives faziam toque no que lhes era ofertado. E sistematicamente:

–“ Ouro baixo, meu fregueza... ouro baixo... Eu compra, mas só dá dois mil réis... Ouro baixo...”.

E levavam da pobre gente, já então desiludida do valor de seu ouro, por dois mil réis o que valeria vinte ou trinta, às vezes várias dezenas de gramas...

Do faro certo do negociador de ouro quebrado, passamos ao vendedor de guloseimas, que em virtude de seu “[...] pregão de tenor, aflautado e esbofado na pressa com que caminhava” não estava livre das chacotas da molecada, imitadora de seu agudo canto

–“Cocadinha! Pandeló! Beijo de moça!”

---

<sup>52</sup> No contexto da crônica, “pregão” se refere à melodia em ritmo livre com que os vendedores ambulantes anunciavam suas mercadorias.

<sup>53</sup> RIBEIRO, De Campos. *Eram baixos seus coturnos*. IN: **Gostosa Belém de outrora**, 2005, p.68.

Se algum garôto [sic] divertido, por traz de um cercado, de uma janela, imitava-lhe o agudo canto- “Cocadinha!”- ele não quebrava o ritmo da caminhada nem do pregão. A resposta, no mesmo tom, saía, em cima da bucha: - “É a mãe!... “Cocadinha!”...

Portando uma espécie de “farmácia ambulante” temos o vendedor de ervas naturais que anunciava em alta voz os efeitos miraculosos de seus produtos

- “Olha a cabeça de nêgo [sic]! Olha o batatão! Olha o leite de Amapá pra doença do peito!... Olha o estoraque, o apií, casca de losna pra mulhé...” E o negro desempenado, na cara luzidia o contraste da branca dentadura bonita, sempre à mostra, tabuleiro à cabeça lá se ia, ligeirinho devido ao peso de sua farmácia indígena ambulante: “Olha a cabeça de nêgo! Olha o batatão!...

E, finalizando o rol dos pregoeiros, tem-se o vendedor de ovos e galinhas, caracterizado por sua postura elegante e pronúncia engraçada, e por essa razão, não estava livre das galhofas dos rapazolas

[...] Pendurado a um braço, pequeno cabaz com os “ovos de quintal”, a mão junto ao corpo. Na outra, meia dúzia de galinhas, anunciadas, em cavernoso tom, sempre como “Fran gôrd! Fran gôrd!”

Até aí, nada mau... Era, porém, desconcertante, de encabular, a maneira como anunciava:

- “Ovfrêsko! Ovfrêsko!”

Por isso, qualquer rapazola que na rua caminhava no mesmo sentido, mal o enxergava tratava de atravessar para o outro lado...

Embora o cronista nos tenha enlaçado pelo teor humorístico no tocante à descrição dessas personagens, ele nos apresentou um ambiente citadino caracterizado pelas desigualdades sociais, onde a lei da sobrevivência levava muitos a adentrar na informalidade, mesmo sob “as vistas grossas” do poder político local, o qual beneficiava uma pequena parcela da população, a elite. Nesse propósito, assim se posiciona a historiadora paraense Edilza Fontes “[...] esses trabalhadores constituíram o alvo da regulamentação do Estado, pois eram incompatíveis com o processo de civilização que o poder público tentava implementar”.<sup>54</sup>

Apesar de todo o controle social e disciplina urbana imposta pela esfera governamental, os imigrantes estrangeiros e nordestinos teceram estratégias de resistência à destruição de seus hábitos e mecanismos de sobrevivência, como nos apontou a narrativa de De Campos Ribeiro, que representou a cidade de Belém como um palco de intensas dificuldades, tanto no meio social quanto no econômico.

### **3.3. O contexto literário da produção de De Campos Ribeiro: a Mina Literária (1894-1899)**

É importante ressaltar acerca da atuação de um grupo de literatos anterior ao contexto no qual o escritor em questão estava inserido e da relevância dessa associação para a difusão das letras nortistas. Trata-se da Mina Literária<sup>55</sup>, renomada associação literária que constituiu um dos fortes elementos da literatura no norte do Brasil. As atividades iniciaram em dezembro de 1894, quando o escritor Eustachio de Azevedo, por ocasião de uma palestra em sua residência, onde reunia jovens talentosos, deliberou a fundação da *Mina*, a fim de “[...] afrontar a burguesia chata, numa terra onde somente se cuida do câmbio e da borracha.”<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> FONTES, Edilza. *Op. cit.* p. 40

<sup>55</sup> Consultar REGO, Clovis Moraes. *A Mina na “Literatura Nortista” de Eustachio de Azevedo e n’ “O Pará Literário” de Theodoro Rodrigues*. Belém- Pará: Editora da UFPA, 1997. p. 17-55.

<sup>56</sup> REGO, Clovis Moraes. *Op. cit.* p. 24

Essa reunião foi a pedra fundamental para a fundação dessa associação de literatos. Por meio desta, o Pará se tornou conhecido no sul do Brasil e no exterior por meio do jornal e do livro, trabalhando como nenhuma outra para a reivindicação das letras nortistas. Os membros da *Mina Literária* se denominavam mineiros e possuíam nomes de guerra extraídos sais, pedras preciosas e produtos mineralógicos.

Após quatro anos de laboriosa atividade, a Mina fechou com chave de ouro sua existência proveitosa, de úteis estudos, forçada pela cisão que se operou em seu seio com a fundação do “Centro Literário Amazônico”, a ida de muitos de seus membros ao sul do país e a morte prematura de dois de seus fundadores, Natividade Lima e Leopoldo Sousa. No entanto, foi de suma importância a influência dessa associação para a movimentação intelectual paraense, porque congregava os homens de letras, promovendo concursos, sessões de crítica e palestras.

### **3.3.1. O ressoar modernista no Norte**

A difusão da literatura produzida no Norte não findou com o término da *Mina Literária* em 1899. A década de 1920 testemunhou o impulso renovador de um grupo de jovens escritores, sob a influência dos ideais modernistas vindouros do centro-sul do Brasil. Em seu sentido fundamental, o movimento modernista buscava a revisão crítica de toda uma experiência anterior, voltada aos valores europeus, como é apontado pela própria definição do verbete no dicionário Houaiss<sup>57</sup>

2. designação genérica de vários movimentos artísticos e literários (cubismo, dadaísmo etc) surgidos no fim do século XIX e no XX, que buscaram examinar e desconstruir os sistemas estéticos de arte tradicional [ No Brasil, o movimento iniciado com a Semana de Arte Moderna(1922), refletiu-se na busca de meios de expressão autenticamente brasileiros, fugindo dos tradicionais modelos europeus.

---

<sup>57</sup> HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1942.

A definição atribuída ao termo “modernismo” nos leva ao encontro do sentido fundamental do movimento ocorrido em São Paulo, consistindo na revisão crítica de toda uma experiência anterior, no âmbito literário, voltada para o mimetismo com relação aos valores europeus. A renovação era a palavra pulsante no seio da nova geração que sentia necessidade de se voltar contra as formas consagradas, a saber, o Simbolismo e o Parnasianismo. Assim, a partir de 1922, a Semana de Arte Moderna de 1922 serviu como ponto de encontro das tendências, firmadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, desde a Primeira Guerra Mundial, e a plataforma que permitiu a consolidação dos grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, desdobrando-se numa viva realidade cultural.<sup>58</sup>

A renovação proposta pela Semana de Arte Moderna se estendeu sucessivamente a vários núcleos urbanos, efetivando-se através da independência, mas visando à unidade, graças à certeza e à consciência crítica da generalização do processo revisor e renovador. Esse encontro, ocorrido nos salões do Teatro Municipal paulista, irradiou seus ideais para além desse espaço. É o que ocorreu no Pará, nesse mesmo período, quando um grupo de jovens intelectuais, contrapondo-se à austeridade da Academia Brasileira de Letras, reuniam-se numa espécie de “academia ao ar livre”, em geral ocorridas no mercado do Ver-o-Peso e tendo por aperitivo o peixe-frito, alimento que rendeu aos rapazes a peculiar denominação de “Academia do peixe-frito”. Desse grupo faziam parte De Campos Ribeiro, Abguar Bastos, Bruno de Menezes, Raul Bopp, Clóvis de Gusmão, Santana Marques, Nunes Pereira, Paulo Oliveira e Severino Silva.

---

<sup>58</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41ª Edição. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 340.



**Figura 8. Geração modernista paraense da década de 1920:** de pé, da esquerda para direita, Paulo de Oliveira, Bruno de Menezes, Edgard de Souza Franco e Farias Gama. Sentados, na mesma ordem: De Campos Ribeiro, Abguar Soriano de Oliveira (pernambucano) e Clóvis de Gusmão

A imagem acima reproduz a geração de intelectuais que, sob o impulso do movimento modernista paulista de 1922, propunha uma nova identidade nacional, enquadrada sob o ângulo do norte. Dessa geração fez parte De Campos Ribeiro, à época um escritor iniciante, mas desejoso em promover mudanças significativas na literatura local, ainda sobre a influência das escolas literárias obsoletas. Esta idéia de ruptura se expressa nos versos escritos por outro componente do grupo, o poeta Bruno de Menezes, importante figura dessa geração modernista paraense

Arte Nova<sup>59</sup>

Eu quero um'Arte original... Daí  
esta insatisfação na minha Musa!  
Ânsias de ineditismos que eu não vi  
e o vulgo material inda não usa!  
E a Idéia é ignota... A Perfeição em si,  
tem segredos de morte e alma reclusa...  
Sendo a glória espinhosa, – eu me feri...

<sup>59</sup>MENEZES, Bento Bruno de. *Poesia*. Belém: CEJUP, 1993. v.I.

justo e, pois, que este sonho arda e relusa!...

Toda a volúpia estética do Poeta  
que eu sou, – para a Poesia que mim sinto,  
provém desse Querer em linha reta!  
Gloriosa um'Arte que os Ideais renova!

– Razão da causa por que eu me requinto  
na extravagância de uma imagem nova!

Bruno de Menezes questiona o fazer poético, aprisionado aos formalismos impostos pelo Parnasianismo e Simbolismo. Semelhante aos modernistas paulistas, os jovens literatos buscavam imprimir mudanças na produção poética local. Tomando por base esse anseio de renovação, esse grupo de intelectuais paraenses resolve se reunir, na década de 1920, numa agremiação para discutir os novos rumos da literatura. Acerca dessa geração de intelectuais, De Campos Ribeiro assim se posiciona

Em Belém, minha geração, que começara os primeiros passos em 1921, congregava na “Associação dos Novos” os “ansiados”, como nos chamava o saudoso Ângelus, artista que participara no Rio do movimento de Graça Aranha (...). Começamos, quase todos, na “Província do Pará”, em sua segunda fase, ali na Rua 13 de Maio. Uma seção denominada “Coluna dos Novos”, se não laboro em equívoco, acolhia nossos versos, nossas crônicas e contos, dava-nos estímulo, enfim. Em 1924, quando a maioria do grupo já conseguia atrair sobre sua personalidade e atenção dos maiores das letras da terra, aqueles que a ironia de Raul Bopp, então conosco convivendo, chamava os “Jacarés Sagrados”, nossa intrepidez lançara ao mundo literário, não só do Pará, mas do país, a revista “Belém Nova”, que circulou de 1923 a 1929, com a interrupção de alguns meses, conseqüência das péssimas condições financeiras que tínhamos pela frente. Dirigia a revista Bruno de Menezes e depois Paulo de Oliveira.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup>RIBEIRO, De Campos. **Graça Aranha e o Modernismo no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 16-17.

No depoimento de De Campos Ribeiro percebe-se o ímpeto dos jovens escritores em divulgar os ideais modernistas. E de fato, eles tiveram um espaço privilegiado para difundir suas produções escritas, como o jornal, e principalmente, a revista literária *Belém Nova*, importante porta-voz do modernismo em solo paraense, considerada uma reação corajosa perante o passadismo que estagnava a produção local. Em seu número de estréia (15 de setembro de 1923), a revista apresentou como núcleo temático uma espécie de editorial - manifesto assinado por Severino Soares

É reação, e reação corajosa, e reação fecunda a iniciativa desses moços que resolveram criar uma publicação de literatura e de arte, entre nós, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental. [...] Duas virtudes possuem – nas opulentas, os fundadores desta revista: - fantasia e intrepidez juvenil [...] Têm mocidade... Têm, sobretudo, fantasia [...] Estes meus esclarecidos confrades da *Belém Nova* compreendem que a vida por mais bela e mais fascinante que se afigure à visão dos otimistas, não vale a pena vivê-la sem amor e sem poesia. [...] Os criadores da *Belém Nova* trazem uma afirmação de vitalidade regeneradora.<sup>61</sup>

Nessa afirmação de Severino Soares é perceptível a vitalidade regeneradora expressa nas páginas iniciais dessa revista literária. À frente dessa revista estava o poeta Bruno de Menezes, juntamente com outros poetas e escritores, os quais movimentaram a literatura local ao publicarem nesse periódico, textos com idéias representativas referentes à nova estética que fermentava no sudeste do país. Dessa forma, considerando as mudanças culminadas pelo Modernismo, a revista serviu como meio para “que os autores locais compreendessem o que realmente estava acontecendo no universo literário, na arte e no pensamento”.<sup>62</sup> Nas páginas da revista publicavam-se

---

<sup>61</sup>SOARES, Severino. Pórtico. *Belém Nova*, Belém, n.1, p. s/n, 15 set. 1923.

<sup>62</sup>COELHO, Marinilce Oliveira. *Memórias Literárias de Belém do Pará: O Grupo dos Novos (1946-1952)*. Campinas, SP, 2003, p. 52

crônicas, contos, poesias, contos, novelas, reportagens e ensaios literários e a vida cultural da elite paraense, assídua freqüentadora de espaços requintados como o “Grande Hotel” (fig.4).



**Fig. 9:** Grande Hotel: ponto de encontro da elite paraense e de alguns literatos no início do século XX.

Vale ressaltar a publicação de três manifestos, escritos numa linguagem objetiva, em estilo declamatório, com o predomínio de frases curtas e exclamativas. São eles “Manifesto da beleza”, “À geração que surge!” e “Manifesto aos intelectuais paraenses”.

O “Manifesto da beleza” da autoria de Francisco Galvão<sup>63</sup> tece elogios à arte nova, revelando a oposição ao passado, aos “ourives do verbo”. O autor exalta a liberdade poética e a renovação dos valores culturais e artísticos, não admitindo o cerceamento da criação poética de qualquer espécie, em sua maioria, aprisionada pelos ditames parnasianos, pelo culto à forma. Vejamos um trecho

Vinha-nos de Paris, diretamente.

---

<sup>63</sup>GALVÃO, Francisco. Manifesto da beleza. **Belém Nova**. Belém, n. 2, s/p, set. 1923.

De Castro Alves a Alberto de Oliveira.

Do condoreirismo inquieto das “espumas flutuantes” ao  
parnasianismo régio,

engomado das “meridionais”.

Estamos no instante luminoso da Beleza.

Chegou o momento da Liberdade! [...]

Renovação!

Na música, possuímos Villa-Lobos.

Renovação!

Paulo Torres, Carlos Fortes, Oswaldo Orico, Onestaldo  
Penafort, Jarbas Andréa, Olegário Mariano, Zoláquio Dinis,  
Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda,  
Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão  
vibrando em nome da Arte Nova!

Renovação! [...] Numa tarde cheia de sol, em setembro de  
1923.

Outros dois manifestos da autoria de Abguar Bastos foram publicados na revista. O primeiro intitulado de “À geração que surge!” e o segundo de “Flami-n’-assú”, com o subtítulo de “Manifesto aos intelectuais paraenses”, publicados, respectivamente nas revistas de n. 5(10 de outubro de 1923) e de n.74(15 de setembro de 1927). Ambos deflagraram a tendência regionalista na estética modernista.

No manifesto “À geração que surge!”<sup>64</sup>, Abguar Bastos proclama o desejo de libertar o movimento literário local das submissões do sul. Faz do Pará um “baluarte da liberdade nortista”

A Literatura equatorial é uma história de mitologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.

O Norte tem poder, tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas! O Norte tem os gênios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus filósofos! [...]

---

<sup>64</sup>BASTOS, Abguar. À geração que surge. **Belém Nova**. Belém, n. 5, p. s/n, 10 out. 1923.

Ergamo-nos!  
Criemos a Academia Brasileira do Norte! [...]  
Publiquem-se os livros! Movimentemos as estantes.  
Que Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte,  
Paraíba, Ceará, Maranhão e Amazonas, se unam, se  
fraternizem para o apoio da nossa Renascença!  
Que o intercâmbio entre esses estados seja um fato nacional!  
Mocidade! [...]  
O Norte precisa ser brasileiro!  
Unamo-nos.  
A união faz a Força! [...]  
Façamos a literatura do Norte! [...]  
Levantemo-nos

Transcorrido cinco anos após a Semana de Arte Moderna, Abguar Bastos publica “Flami-n’-assú”<sup>65</sup>, manifesto organizado por uma linguagem repleta de termos regionais, mobilizando os “irmãos de Arte” a cantar “nossos costumes”. Nesse manifesto, o autor valoriza o uso de expressões nativas da língua materna, embora mantivesse um laço com o romantismo europeu

[...] Daí a minha idéia com um título incisivo: FLAMI-N’-ASSÚ.  
É a grande chama, indo-latina, daquilo em que eu penso  
poderem apoiar-se as gerações presentes e porvindouras.

FLAMI-N’-ASSÚ é mais sincera porque exclui, completamente, qualquer vestígio transoceânico; porque textualiza a índole nacional; adaptável do país, combate os termos que não externem sintomas brasílicos, substituindo o cristal pela água, o aço pelo acapu, o tapete pela esteira, o escarlate pelo açai, a taça pela cuia, o dardo pela flecha, o leopardo pela onça, a neve pelo algodão, o veludo pela pluma de garças e samaúmas, a flor de lótus pelo amo dos homens. Arranca, dos rios as maravilhas etiológicas; exclui o tédio e dá tacape, na testa do romantismo, virtualiza o Amor, a Beleza, a Força, a Alegria e os herpes das planícies e dos sertões e as guerras de independências, canta ruidosa os nossos usos e costumes, dando-lhes feição de elegância curiosa.

---

<sup>65</sup>BASTOS, Abguar. Flami-n’-assú: manifesto aos intelectuais paraenses. **Belém Nova**. Belém, n. 74, p. s/n, 15 set. 1927.

A revista “Belém Nova” foi um ressoar do modernismo paulista na região norte. Em torno dela estavam estes jovens irrequietos ansiando renovação no campo literário, muitos deles tiveram na revista um ancoradouro para divulgar seus escritos e estabelecer contato com escritores do Amazonas, Maranhão, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Pelo teor dos textos divulgados na revista modernista paraense, nota-se a atitude do movimento literário local em receber e ampliar o ideal de renovação estética nacional, congregando novos e velhos numa ambiciosa empresa literária, sinalizando a preocupação com o regional e o nacional, consciente das novidades vindas do sul do país que ignorava a produção literária nortista.<sup>66</sup> Mesmo com esses anseios de mudança na produção poética local, muitos escritores ainda se mantiveram aprisionados às formas estéticas tradicionais.

### **3.3.2. Manuel Bandeira e De Campos Ribeiro: o cotidiano em verso e prosa nas artimanhas da memória**

Nesse momento, tratarei da proximidade temática existente entre De Campos Ribeiro e Manuel Bandeira, este último renomado escritor do Modernismo que incorporou o cotidiano como a matéria narrativa constitutiva de seus versos. Extrair do cotidiano a matéria narrativa foi a grande característica dos dois escritores em questão, que sob o auxílio da memória trouxeram à tona suas próprias experiências, transpondo-as ao texto literário e assim, compartilhando dessas memórias com os leitores. Em verso e prosa, esses dois artífices da palavra nos conduzem às suas infâncias vividas em espaços distintos, seja na litorânea Recife ou em Belém do Pará, designada por Manuel Bandeira de “nortista gostosa”.

Manuel Bandeira (1886-1968), poeta pertencente ao Modernismo de 1922, fez da produção poética o instrumento perfeito para sua expressão lírica,

---

<sup>66</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929**. Campinas, SP: [s.ed.], 2001. p. 193.

incorporando o cotidiano por ele vivenciado durante a infância na cidade do Recife. Em tom evocativo, expressa o saudosismo por sua terra natal no poema “Evocação do Recife”<sup>67</sup>, um verdadeiro passeio conduzido pelos versos

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois – Recife  
das revoluções libertárias

**Mas o Recife sem história nem literatura**

**Recife sem mais nada**

**Recife da minha infância.**

Fazendo jus ao título, o poema traz à lembrança a cidade onde o eu - lírico passou sua infância. De início, ele enumera algumas atribuições dadas à sua terra natal, mas lembrando aos leitores que o espaço a ser evocado em seus versos faz parte de seu mundo particular, onde ele “[...] embarca nos vãos da memória para as felizes brincadeiras de infância quando reativamos a atmosfera da casa distante sem as nódoas e marcas da vida de adulto, numa grata evocação das figuras e jogos daquela idade<sup>68</sup>.”

A cidade evocada é revivida nostalgicamente por intermédio das imagens que constituem a experiência do eu - lírico nesse *locus*, agora reativado por suas lembranças e materializado pela arte da palavra, a poesia. Pelo tom memorialístico dos versos bandeirianos, somos conduzidos à Recife de costumes provincianos do início do século, quando as crianças brincavam de chicote-queimado no meio da rua e as pessoas costumavam se reunir, após o jantar, na frente das casas envoltas por “[...] mexericos namoros risadas”. Desse mesmo ângulo, partindo de suas memórias de infância, o escritor De

---

<sup>67</sup> BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética**. - 12. Ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>68</sup> GARBUGLIO, José Carlos. **Roteiro de leitura: Poesia de Manuel Bandeira**. – São Paulo: Ática, 1998. p. 8

Campos Ribeiro teceu suas crônicas, tomando como pano de fundo o bairro do Umarizal na cidade de Belém, assim descrito pelo narrador- personagem

[...] álbum de fecho castigado pelo azebre do tempo, o Umarizal da minha meninice, da minha adolescência, guardo-o na memória em amareladas fotografias, muitas quase desmaiadas, todas, porém, marcando gratas, divertidas e até (por que não confessá-lo?) saudosas, agridoces lembranças...

Tranqüilo Umarizal com suas centenárias mutambeiras, seus cercados com caramanchões de onde se debruçavam recedentes jasmineiros em flor, embalsamando crepúsculos e tépidas noites! De onde vermelhas papoulas riam ao sol para quem quer que passasse nas ruas, em garridice de dodivanas janelleiras!

Em ambos os casos, tanto na poesia de Manuel Bandeira quanto na crônica de De Campos Ribeiro percebe-se uma ligação afetiva envolvendo narrador e o espaço narrado, descrito nostalgicamente e emergindo em versos ou em prosa as experiências vivenciadas num passado longínquo pelos narradores. Com estes traçamos um itinerário enlaçado pela memória por dois destinos, a Rua da União, no Recife e o bairro do Umarizal na *Gostosa Belém de outrora*. Começemos a viagem pelos versos de Bandeira relembando os nomes das ruas e seus respectivos significados

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

**Rua do Sol**

(Tenho medo que hoje se chame do dr. Fulano de Tal)

Atrás da casa ficava a **rua da Saudade**...

...onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da **rua da Aurora**...

...onde se ia pescar escondido

O escritor paraense, por sua vez, trilha um caminho diferente, rememorando seu bairro pelas festas nele protagonizadas, em especial o carnaval e o pastoril, destacando toda a tradicionalidade que envolvia esses folguedos

**Umarizal de Carnaval só seu**, andadas pela Generalíssimo acima e abaixo, da São Jerônimo à Oliveira Belo, tardes inteiras!

Fuxicos em ladainhas no “Mês de Maria”, mal começavam as danças: pois um descarado qualquer não tinha levado para dançar conhecida “moça encoberta”, de quem “todo mundo falava”?

**Umarizal do pastoril que arrastava as gentes dos outros bairros**. Seriam mesmos as “Esmeraldinas” mais caprichadas por dona Chiquinha Navegantes, no luxo, nas vozes, na graça de suas pastoras e na “comédia”, que as “Filhas de Flora”, as “Falenas do Azul”, as “Moreninhas da Cidade Velha”?

Percorrendo a rua evocada pelos versos bandeirianos temos a presença dos vendedores ambulantes que todas as tardes anunciavam seus produtos ao som dos pregões

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Estas narrativas por se tratarem de relatos de um passado vivenciado pelos narradores trazem em seu bojo algo bastante discutido por Walter Benjamin em seu ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, no qual o estudioso trata da narrativa enquanto intercâmbio de experiências. Nos casos mencionados, o leitor, ao entrar em contato com a poesia ou a crônica, tomará conhecimento de um espaço através dos relatos esmiuçados nos textos e partilhará de um mundo existente na memória dos narradores

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

[...]

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

Como ficou expresso nos versos, havia uma ligação entre a cidade e a figura do avô, de quem ele lembra com saudade. O eu - lírico menciona ainda a maneira como ele tomava conhecimento da vida, destacando não o saber científico oriundo dos livros ou das notícias divulgadas nos jornais, porém do saber empírico, tendo no povo, mesmo com sua “língua errada” sua fonte para conhecer a vida, esse território tão vasto de onde emana a matéria- prima de seus versos.

Nesse sentido, a palavra consegue salvar do esquecimento as experiências dos narradores, fazendo o papel de Scherazade, a prodigiosa contadeira de histórias, que com sua habilidosa função, conseguiu se livrar da fúria do sultão no decorrer de mil e uma noites, graças à narrativa. Da mesma forma, os escritores aqui mencionados, eternizam suas vivências, narrando-as e conduzindo a cada um dos leitores pelas ruas do Umarizal e suas festas populares e pela Rua da União dos costumes provincianos da capital pernambucana.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Elementos da narrativa: enredo, narrador, tempo.**

De Campos Ribeiro (1901-1980) foi um escritor multifacetado. E isso pôde ser observado pelo conjunto de sua obra, haja vista que ele não se deteve em cultivar somente um gênero literário. Produziu poesias, conferências e crônicas, atuando em diferentes terrenos da literatura, sendo, concomitantemente, poeta, prosador e crítico literário. Dentro dessa perspectiva, observou-se pela leitura do acervo deste escritor uma particularidade, referente ao seu posicionamento crítico em relação ao social.

Desde o primeiro livro *Alélua* (1930), De Campos Ribeiro fez da palavra uma expressão das dificuldades enfrentadas no contexto onde ele estava inserido, a Belém das primeiras décadas do século XX. Em *Horas da Tarde* (1970), ele dedicou uma das partes do mesmo à cidade, enfocando tanto

a beleza, quanto o lado marginal da mesma, intitulado um dos poemas de “Cidade da Beleza e da Amargura”, resumindo neste título os contrastes socioeconômicos da Belém pós *Belle Époque*, cenário de transformações no espaço urbano e também da marginalidade. Este fator serviu de ponto de partida para a composição das narrativas do livro de crônicas *Gostosa Belém de outrora* (1966). Neste livro temos a representação das problemáticas através da descrição de alguns personagens que serviram para retratar a descrição do período de “dores e dissabores”, conforme denominação da historiadora Edilza Fontes. Aparece nessa descrição a difícil situação das “vendedeiras de amor”, as privações do “Professor Berilo” e os pregoeiros, vendedores ambulantes que representavam uma parcela excluída da sociedade. Por intermédio da leitura das narrativas, compreendemos o mundo, pois

[...] As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo.<sup>69</sup>

Assim, a leitura das crônicas nos ajudou nessa compreensão, porque representou pela descrição desses personagens como era a cidade de Belém do período descrito e suas principais dificuldades. Jonathan Culler (1999) propõe a classificação dos requisitos básicos da narrativa. Segundo este teórico, o enredo é o traço mais básico da narrativa, que as boas histórias dão prazer ao leitor por causa do ritmo e da sua ordenação. O enredo exige a transformação de uma situação inicial, uma mudança envolvendo algum tipo de virada e uma resolução que marque a mudança como sendo significativa. Na crônica “O incomparável Professor Berilo” o enredo sofreu uma transformação. De uma situação de penúria, enfrentada pela esfera educacional devido aos atrasos de pagamento, passou-se à restituição da dignidade dos professores em decorrência da sucessão governamental, ilustrados nos fragmentos abaixo

### **Situação inicial**

---

<sup>69</sup> CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999. p. 84.

Naquele ajuntamento trágico, formada de professoras a maioria. E como urubus voejando sobre animais cuja morte pressentiam, rufiavam por ali, puxando conversa, tomando chegada, “gaviões” mulhereiros, atentos aos possíveis colapsos com que a miséria destrói virtudes...

Muitas, realmente, eram esfarrapadas... Ser professora, para a irreverência esfuziante das rodas de botequim, passou a conceito de precária recomendação...

### **Situação final**

Um dia as cousas [sic] políticas mudaram. Dionísio Bentes, eleito Governador, restituiu ao professorado a dignidade que a fome ameaçara destruir totalmente.

[...] Encontrei ainda algumas vezes o Professor Berilo. Era outra figura, no seu fato de brim de impecável brancura, as botas lustrosas, um guarda-chuva com a “compostura” de seu estado de novo...

Toda narrativa possui um narrador que pode ser em primeira ou terceira pessoa. No caso das crônicas em estudo, o narrador é em primeira pessoa, do tipo observador, cuja função não é agir na história, mas descrevê-la em todos os seus pormenores. As crônicas de De Campos Ribeiro estão dentro dessa classificação, pois descrevem acontecimentos focalizados a partir de muito tempo depois. O tempo da narrativa abrange as primeiras décadas do século XX e o narrador focaliza os eventos narrados por meio da combinação de perspectivas, fazendo um movimento entre o que sabia ou sentiu então e o que reconhece agora

Ao relatar algo que aconteceu com ele quando criança, um narrador pode focalizar o evento através da consciência da criança que ele foi, restringindo o relato ao que pensou ou sentiu na época, ou pode focalizar os eventos através de seu conhecimento e compreensão na época da narração.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> CULLER, Jonathan. *op. cit.* p. 90.

O relato da *Gostosa Belém de outrora* combina a focalização do narrador em dois momentos distintos e pelo teor memorialístico das crônicas fica nítida essa relação. O narrador olha em retrospecto para os fatos por ele testemunhados, fazendo uma oposição entre os tempos da narrativa, atribuindo um valor positivo ao passado, em detrimento ao presente, caracterizado negativamente.

#### 4.2 Discurso, texto e diálogo

Após essa explanação sobre os elementos constituintes da narrativa, adentraremos no segundo momento deste capítulo, o qual consistirá na análise das crônicas, tomando por base teórica as contribuições de Fiorin (1990) e seu percurso gerativo de sentido e de Orlandi (1996) relativas ao discurso, texto e diálogo, três conceitos básicos, presentes na estrutura das narrativas. Discurso é o primeiro desses conceitos e é assim definido por Orlandi

[...] O uso que estou fazendo do conceito de discurso é o da **linguagem em interação**, ou seja, aquele em que se considera a linguagem em relação às suas condições de produção, ou dito de outra forma, é aquele em que se considera a relação estabelecida pelos interlocutores.<sup>71</sup> (grifo meu)

Por essa noção de discurso, fica estabelecido que o modo de existência da linguagem seja social. O discurso é considerado o lugar social no lugar particular entre língua (geral) e fala (individual). De Campos Ribeiro, ao imprimir em suas narrativas um posicionamento crítico na descrição de acontecimentos de sua Belém de outrora, produz linguagem e está reproduzido nela, porque faz parte do contexto do qual partiu para compor seus textos. Observando o cotidiano de sua cidade, ele relata as dificuldades da mesma por meio de uma posição e de uma conjuntura, tornando seu discurso um fenômeno social.

---

<sup>71</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. – 4ª. ed.- Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 157.

Um segundo ponto a ser tratado é o do texto enquanto conceito analítico da Análise do Discurso. O texto é, no processo de interlocução, o centro comum, a unidade que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, ou seja, é a totalidade da qual se parte na análise da estruturação do discurso. Orlandi(1996) traça um paralelo entre essa noção de texto e o diálogo, afirmando que todo texto supõe a relação dialógica e é constituído pela ação dos interlocutores.

## 4.3 Percorso gerativo de sentido

### 4.3.1 Nível fundamental

Depois dessa breve abordagem acerca dos três conceitos basilares anteriormente mencionados, passaremos ao percurso gerativo de sentido e seus níveis fundamental, narrativo e discursivo. Fiorin (1990) assim define esse percurso gerativo de sentido

[...] é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo.<sup>72</sup>

O nível fundamental abriga as categorias semânticas que estão na base da construção do texto. Essa categoria semântica se fundamenta numa oposição, desde que haja algo em comum entre os elementos colocados em contraste. Na crônica “Estranho Oliímpio aquele café” entra em contraste o dia e a noite na descrição das atividades desenvolvidas na Avenida Independência antes de 1930

[...] **De dia**, refinamentos urbanos, tranqüila e comodamente, ombreavam com quitandas de variada mercancia [...] **De noite**, no longo passadiço que, da 22 de Junho à Castelo se estendia, logo após o apito das nove no Utinga, de vendedeiras de

---

<sup>72</sup> FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 2ª. ed.- São Paulo: Contexto,1990. p. 17.

amor. Casais, em que não rara era a presença de soldados da polícia [...] E borborinhantes as baiúcas, que eram cafés, restaurantes e também escondilho da vadiaria rufianesca. (grifos meus)

Como ficou observado, a fisionomia da Avenida Independência mudava de acordo com a mudança de horários. Durante o dia, esse espaço era ocupado pelos feirantes com seus tabuleiros de guloseimas nordestinas e dos vendedores de vísceras. À noite, porém, a coisa mudava de figura, e esse mesmo ambiente era ponto de encontro dos boêmios e das prostitutas que faziam dos cafés o esconderijo de sua “prática de trabalho”, mal vista aos olhos da sociedade conservadora. Vemos que ao termo “dia” foi aplicado um valor positivo (eufórico) em contraponto ao termo “noite” que recebeu uma qualificação negativa (disfórica).

#### **4.3.2. Nível narrativo**

Fiorin (1990) propõe a diferenciação entre narratividade e narração antes de percorrer pelo nível narrativo na análise dos textos. A narratividade consiste numa transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes, significando a ocorrência de uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final. Na crônica “Estranho Oliímpio aquele café” temos duas narrativas mínimas encaixadas. Na primeira, as mulheres passam de um estado inicial, de jovens interioranas em busca de melhoria de vida na cidade grande, a um estado final, o ingresso delas na prostituição, acarretando a desesperança de se viver dignamente

##### **Estado inicial**

Abundavam, então, entre o mulherio, **adolescentes importadas de Bragança, das praias do Maranhão, de Vizeu, de Urumajó...**

[...] Tinham todas a mesma história... Casa de muita gente e pouca comida. Um comerciante “baludo”, o sonho de melhoração... (grifos meus)

##### **Estado final**

Deambulavam, rua acima, rua abaixo, por vezes até madrugada, a chave do quatinho de moradia, presa num

barbante, rolando no indicador. Enfurnado no colo, por dentro da blusa, o lenço de que uma ponta, bem amarrada em nó, era o minguado mealheiro

Ocorreu uma transformação no conteúdo (narratividade), porque as personagens da crônica ficavam na esperança de construir um futuro promissor na cidade, mas ao chegar à mesma se encontravam sem boas oportunidades de trabalho, tendo de adentrar na prostituição. A narração, por seu turno, constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizadas.

Os textos, ao contrário, são narrativas complexas em que uma série de enunciados de *fazer* e *ser* estão organizados hierarquicamente numa seqüência canônica, compreendendo as fases da manipulação, competência, performance e sanção.

Na manipulação, um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer ou dever fazer alguma coisa. Na crônica “Estranho Olímpio aquele café” as mulheres eram manipuladas pelo desejo de melhorar de vida e, dessa forma, deixavam seus lares em busca desse “sonho de melhoração”. Todavia, os planos mudavam de rumo e elas estavam bem longe de viver honestamente.

A competência ocorre quando o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber ou poder fazer. Quando se narra na crônica anteriormente citada que as mulheres economizavam na alimentação, significa que cada tostão economizado seria destinado ao pagamento do aluguel do quatinho de moradia

Quantas que teriam dormido o dia inteiro, encontravam a refeição única do dia numa lingüiça assada na brasa, com farinha grossa, cujo preço de oitocentos réis eventual e generoso acompanhante pagaria!... Ou um café grande, com leite e pão, que custava tão só seiscentos réis... com um pedaço de queijo duro, do Ceará, isso mais longe: mil e duzentos réis!

A performance é a fase em que se dá a transformação central da narrativa. Em “Incomparável Professor Berilo”, o protagonista entra em conjunção com a estabilidade financeira, após a sucessão governamental, a qual restituiu os salários atrasados dos professores

Um dia as cousas [sic] políticas mudaram. Dionísio Bentes, eleito Governador, restituiu ao professorado a dignidade que a fome ameaçara destruir totalmente.

[...] Encontrei ainda algumas vezes o Professor Berilo. Era outra figura, no seu fato de brim de impecável brancura, as botas lustrosas, um guarda-chuva com a “compostura” de seu estado de novo...

Na fase da sanção ocorre a constatação de que a performance se realizou e o reconhecimento do sujeito que realizou a transformação. No fragmento anteriormente citado, tem-se a mudança do estado de penúria sofrido no início da narrativa pelo professor Berilo a um estado de restituição da dignidade do mestre-escola. A transformação do personagem se manifestou na sua aparência, antes desgastada pelas inúteis caminhadas ao Tesouro, mas agora elegante, denotando a dignidade do dedicado professor.

#### **4.3.3 Nível discursivo**

No nível discursivo, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude. Assim, a conjunção do professor Berilo com a estabilidade financeira aparecerá no nível discursivo com a sucessão governamental que trará benefícios ao setor educacional, restituindo os salários atrasados do professorado.

Fiorin<sup>73</sup> exemplifica o nível discursivo com a estrutura narrativa fixa da fotonovela, na qual X quer entrar em conjunção com o amor de Y, mas há um obstáculo, impedindo X fazê-lo. Entretanto, X remove o obstáculo, que pode ser a diferença social, a presença de outra mulher, uma doença, entre outros. Em “Eram baixos seus coturnos”, as pessoas queriam vender o ouro quebrado ao pregoeiro por um preço justo. No entanto, a astúcia do estrangeiro comprador de ouro impedia a realização de um bom negócio. Eles acabavam convencendo essas pessoas a vender o ouro por um preço bem abaixo do esperado

---

<sup>73</sup> FIORIN, José Luiz. *op. cit.* p. 29.

- “Ouro quebrado pra vender? Eu compra... Ouro quebrado, meu fregueza...” [sic]

Batiam, com certo faro, preferentemente a portas de barracas, onde difícil era faltar algo com que fazer bom negócio...

Alguns, munidos de ácido e pedra, com ares de ourives faziam toque no que lhes era ofertado. E sistematicamente:

-“ Ouro baixo, meu fregueza... ouro baixo... Eu compra, mas só dá dois mil réis... Ouro baixo...”.

E levavam da pobre gente, já então desiludida do valor de seu ouro, por dois mil réis o que valeria vinte ou trinta, às vezes várias dezenas de gramas...

Em síntese, o percurso gerativo de sentido é um modelo que simula a produção e a interpretação do significado, do conteúdo. Não descreve a maneira real de produzir um discurso, mas constitui um “simulacro metodológico”, permitindo-nos, ler, com eficiência, um texto. Esse modelo nos mostra que o sentido de um texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas decorre de uma articulação dos elementos que o formam. Os textos que serviram á análise deste trabalho são classificados como descritivos, cuja característica é

[...] a manifestação de apenas um dos estados do nível narrativo(o inicial ou o final) e não da transformação completa(passagem de um estado a outro), bem como de apenas uma das fases do percurso sintático fundamental(ou a afirmação de a ou a negação de a ou a afirmação de b).<sup>74</sup>

Dessa forma, buscou-se a partir da estrutura dos textos selecionados, compreender aspectos sócio-histórico de Belém das primeiras décadas do

---

<sup>74</sup> FIORIN, José Luiz. *op. cit.* p. 33.

século XX, haja vista a criticidade presente no discurso do narrador, que ao sabor de suas lembranças, nos conduziu a um espaço citadino demarcado por intensas contradições sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica foi um gênero literário que, numa feição moderna, teve no jornal seu grande veículo de propagação. No meio jornalístico, as crônicas se revestiram de uma roupagem mais literária, expressando em tom subjetivo e linguagem coloquial, questões relativas ao cotidiano, emitidas sob a ótica de um narrador-observador. De Campos Ribeiro fez uso desse gênero literário para descrever o cotidiano de Belém das primeiras décadas do século XX. Episódios, tipos humanos do bairro do Umarizal de sua meninice e costumes de uma cidade ainda com resquícios provincianos compuseram as narrativas desse prosador, que teve na *Folha do Norte* o grande teste de receptividade para suas crônicas, antes de reuni-las em formato de livro no ano de 1966.

A leitura da recepção da obra, veiculada na *Folha do Norte* e na *Província do Pará* na época do lançamento da obra *Gostosa Belém de outrora*, redimensionou a pesquisa, pois na opinião dos escritores e folcloristas, o livro de crônicas oferecia aos estudiosos elementos para o desenvolvimento de suas pesquisas, por ser um “rico manancial de estórias”. Dessa forma, lancei um outro olhar sobre a obra em estudo, constatando na mesma elementos para a compreensão histórico-social de Belém pós- *Belle Époque*.

Foi necessário um exame minucioso do acervo bibliográfico do escritor De Campos Ribeiro para comprovar essa sua preocupação com o lado social, pois o mesmo fez da palavra, em verso ou em prosa, uma forma de exprimir a cidade enquanto palco de contradições socioeconômicas. Este fator foi a questão norteadora para a tessitura deste trabalho. A abordagem da História Nova, que foi uma redefinição metodológica ocorrida no seio historiográfico tradicionalista, a qual dava primazia à “história dos grandes homens”, serviu para compreender a relevância em se fazer do texto literário uma forma para se chegar a uma compreensão histórica. Dessa forma, as crônicas selecionadas para estudo apresentam em suas estruturas esse suporte necessário à compreensão de um determinado período ocorrido na cidade de Belém, caracterizado por intensas dificuldades socioeconômicas.

A condição social, política e econômica pela qual passava a cidade se refletiram nas descrições das personagens, a saber, as “vendedeiras de amor”,

os pregoeiros e o setor educacional, representado pelo Professor Berilo, e foram elementos que ofereceram subsídios à pesquisa, tendo em vista o caráter representativo das narrativas, articuladas sob a ótica de um narrador e seu posicionamento crítico em relação aos fatos narrados. Por outro lado, a presença de movimentos literários na capital paraense, nesse estudo representados pela *Belém Nova*(1923-1929) e pelo movimento da *Mina Literária*( 1894-1899) repercutiram na história da organização coletiva do autor estudado, uma vez que esses movimentos serviram para estabelecer diálogo com escritores de outras regiões do país. Com efeito, em relação à “Associação dos Novos”, observou-se que, embora esse grupo de literatos ainda cultivasse formas estéticas do Parnasianismo e Simbolismo, ansiavam por mudanças, desejando conferir à literatura uma cor local, sob o ângulo do norte, de acordo com os manifestos publicados na *Belém Nova*, expandindo as possibilidades do movimento modernista na sociedade local.

Buscou-se com o trabalho apresentado, contribuir para o conhecimento de aspectos sócio-históricos de Belém, em especial, das décadas de 1920 e 1930. Para atingir tal intuito, recorri à pesquisa do acervo bibliográfico do escritor, contando com a contribuição da filha de De Campos Ribeiro, Maria do Céu, e pelo exame dos textos críticos veiculados na *Folha do Norte* e na *Província do Pará*. Após esse estágio inicial, esmiucei as narrativas selecionadas, buscando nas mesmas aspectos relativos ao contexto descrito pelo cronista, com o auxílio do percurso gerativo de sentido de Fiorin (1990) e dos conceitos de discurso, texto e diálogo, elementos articulados na composição das narrativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. - 12. Ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. – São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. – São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Escrita da História*. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARDOSO, João Batista. Um mapa da história sobre o mapa da ficção. – Goiânia: Editora da UCG, 2009.

CELINA, Lindanor. *Gostosa Belém de Outrora*. IN: Folha do Norte, 18 de junho de 1967.

COELHO, Marinilce. *O grupo dos Novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará*. – Belém: EDUFPA: UNAMAZ: 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. - Petrópolis: Vozes, 2008.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 2ª. ed.- São Paulo: Contexto, 1990.

FONTES, Edilza. O “Pilão Fardado”, Histórias do Baratismo (Pará – 1930 a 1935) IN: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Contando a História do Pará, v. II: Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (século XX)*. Belém: E.Motion, 2002.

GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura: Poesia de Manuel Bandeira*. – São Paulo: Ática, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et. al. 5ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. - 3ª. Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém: memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade* – Belém: Supercores, 2000.

MEIRA, Clóvis *et alii*. *Introdução à Literatura no Pará*. (Antologia). - Belém: CEJUP, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária- Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 1996.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Biografia Sentimental de Belém*. IN: *A Província do Pará*, 19 de setembro de 1968.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. – 4ª. ed.- Campinas, SP: Pontes, 1996.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*; - São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-13.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História oral”. IN: *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e do Departamento de História da PUC / São Paulo*, 1981, n. 15(abril/1997).

REGO, Clovis Moraes. *De Campos Ribeiro: o maior poeta que Belém perdeu* – Belém, Pará: L&A Editora, 2004.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. *Aleluia*. Belém: Guajarina, 1930.

\_\_\_\_\_. *Horas da Tarde*. – Belém: Falângola, 1970.

\_\_\_\_\_. *Olavo Nunes, animador de ternuras e ironias*. – Belém: Falângola, 1971.

\_\_\_\_\_. *Graça Aranha e o modernismo no Pará*. – Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973.

\_\_\_\_\_. *Gostosa Belém de outrora...* - Belém: SECULT-PA: 2005.

ROCHA, Alonso. Centenário de um trovador. In: *A Província do Pará: caderno Variedades*, 2001, p.2.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, S/d.

SANTOS, Carlos Correia. *Um século de campos ribeirados pela arte*. A Província Do Pará, 28 jan. 2001. Caderno *Variedades*, p. 02.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*- Belém: Paka-Tatu, 2000.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

# **ANEXOS**

## Anexo 1

### Eram baixos seus coturnos

A comédia da vida, no Umarizal do passado, ainda que com toques à La Chaussé, teve bizarros atores: boêmios, empresários de bailaricos, músicos, amantes da noite e da “imaculada”, para eles em serenata tão imprescindível quanto o sonoro “pinho”...

Popularíssimos foram, nos seus bailes regurgitantes de dançarinos, machadinho e cupertino. Aquele fulo magrinho, operário caldeireiro de ferro, e até dos bons, mais achegado era à promoção de suas festas que a martelo, talhadeira, cortafrio...

Cupertino, funcionário público de modesta condição, boa praça, não compreendia a vida sem funçanatas com que completava o orçamento da “gororoba” familiar... falavam mal de seu clube? Ele é que sabia onde lhe apertavam as botas...

Músicos de pândega, habitualmente aos domingos amanhecendo, para encerrar a tocata, à porta do mercadinho de “Santa Luzia”, entre outros um flautista, carteiro de profissão, já velhusco, de bigodes que lhe davam um ar de foca satisfeita...inseparável de um companheiro, sexagenário dedilhador de violão,caboclo bom comedor de rama. Seus nomes nunca os soube... Mas Paulo de Oliveira, aquele fabuloso Paulo, que tinha “olho clínico” para as cousas esquisitas, dera-lhes cognomes apropriados, na medida exata: “Come-Flauta” e “Kashimbown”... A um porque, no entusiasmo do sopro em seu instrumento, o movimento do bigode dava, direitinho, a impressão de que o músico devorava sua flauta a valentes dentadas. O violonista, era vê-lo e julgar que fora o inspirador do “pai” de “Kashimbown”, conhecidíssima personagem do “tico-tico”, a revista infantil daqueles idos...

Estolano, mulatinho esguio que fora serventário estadual e jamais disse por que deixara de sê-lo, era figura curiosa. Sujeito amável, respeitador da vizinhança, falando com dicção apurada, tinha letra bonita e vestia-se com certa linha ( o guarda-roupa de seus tempos do emprego perdido). Longe em longe, enfarpelava-se, ia fazer algo fora do bairro e da rua, a Diogo Moia... Mas, lá um belo dia descalço, entrava em regime de ida por vinda, de casa para a “D. Luiz I” e vice-versa... E tome bicada sobre bicada, da manhã à tardzinha... Nessa noite, um menestral apaixonado acordava no Estolano. E até as tantas sentado na calçada da esquina, com voz de agradável timbre, mesmo encharcada em “laranjinha”, aquela alma enchia a noite de modinhas sentimentais há muito fora de moda.

\*\*\*

Severino, mulato do cabelo cor de cotia, desde o tempo de grupo, no “Barão do Rio Branco” possuía apelido que era identificação correta: “Cara Chata”.

Garoto vivo, filho de gente pobre aluno que não era dos últimos na turma, tornou-se quando cresceu assíduo freqüentador do “Pimpão”, o botequim da “Generalíssimo” com “Antonio Barreto”. Ia de manhã, ia de tarde, ia de noite... Conversa mole com este ou aquele, um palpite mesmo sem lhe ser pedido, as “chamadas” iam saindo, Severino mandado-as goela abaixo.

Perdi-o de vista depois que saí do bairro. Um dia, porém, anos após, reencontrei-o. “Cara Chata” era músico. E tocava difícil instrumento, o clarinete.

De tamancos, velha roupa de cáqui, a cara arrouxada pela “maldita”, era o mestre num conjunto de “Cordão de Roceiros”. Parei, curioso, para ouvir o clarinete do Severino.

Pois “Cara Chata” mandou um choro repenicado, em ritmo e bossa que só muito mais tarde tornei a ver e ouvir, quando escutei o “Ratinho”...

\*\*\*

Santa Cruz, que fez época nas noites do “Kean”, em São Braz, com seu violão, foi do Umarizal que saiu. Conheci-o aí por 1914, eu ainda

ginasiano. Morava num casarão da Boaventura Silva, entre 22 de Julho e 9 de Janeiro. A “rocinha” era chamada, porque nunca eu soube, “Cova da Onça”...

O pai de Santa Cruz, velho meio desequilibrado, falava do filho com exaltada ternura. Passeando pelo comprido corredor do casarão, parava de quando em vez para dizer a quem o escutava:

-“Este meu filho é um rapaz extraordinário! Extraordinário...”

Era mesmo o querido Santa Cruz, que se fez figura destacada nas rodas da boêmia fina da cidade.

Lembro-me que quando aqui estive, pela primeira vez, Maria Sabina, delicada poetisa e declamadora notável, quis ela ouvir o já famoso “poeta do violão” no seu próprio ambiente.

Lá fomos, os “novos”, levá-la. Surpreendeu-nos, logo à entrada, esquisito cheiro de igreja, no “Kean”...

-“Santa Cruz, que cheiro é esse?”

-“Doutor, pra receber uma poetisa desse tamanho, só queimando um bocado de insenso... Olhe lá o fogareiro...”

Fomos ver. Atrás de uma porta, realmente, um turicremo de barro mandava para o ar volutas de aromado fumo...

\*\*\*

Aprígio “Peito de Aço”, estivador “dobrado”, era figura de respeito no Umarizal da minha adolescência. Fulo, não tinha má catadura. Mas seu passo largo, sua voz de grave tom, o peito e os bíceps quase estourando a camisa de malha, faziam-no respeitado pelos “duros” do bairro, embora não fosse dado a encrencas, ou talvez por isso mesmo...

“Peito de Aço” nunca participara de grupos carnavalescos, pouco se lhe dava que os “Martelos de Prata” mais sucesso fizessem que os “Malhos de Ouro” ou os “Lanceiros de Belém”... Mas no carnaval de 1915 (ou 16), resolveu um grupo de rapazes ressuscitar o “Clube dos Lenhadores”, há vários anos fora de circulação. Foram buscar, com antigo diretor, um mulato de nome Miguel, se não me trai a memória, o velho estandarte de leão rompante

cercado de pedrarias e florões em relevo de ouro. E convidaram para integrar a diretoria o Aprígio “Peito de Aço”. Ele aceitou. Aceitou e tomou gosto pelo brinquedo. No fundo, possivelmente, para meter ferro à gente dos “Martelos”, com sede na Antonio Barreto, enquanto os “Lenhadores” assentaram arraial na Domingos Marreiros.

Sujeito organizado, não gastando atôa seu dinheiro, Aprígio dentro de duas semanas assumia a liderança entre os companheiros, sua palavra passou a ter foros de lei... E no Domingo Gôrdo, três horas da tarde, entrava triunfal o “Clube dos Lenhadores” na Generalíssimo Deodoro, rebrilhante na pompa da indumentária, lançado um “balisa-mirim”, o “Macaquinho”, capaz de correr todo um quarteirão em saltos mortais consecutivos sem que no chão lhe tocassem as luvas brancas de renda... Até as barbas do “velho” (personagem de todo Clube), dizia-se que Aprígio “Peito de Aço” mandara comprar lá no rio: eram de finíssima fibra, deixando longe as de algodão ou de corda desfiada dos demais... Nesse carnaval o bairro ganhou nova frente para concorrer com os clubes da Cidade Velha ou dos Jurunas: se os “Martelos de Prata” eram bons, os “Lenhadores” diziam “Arreda!”, era a opinião eufórica do Umarizal...

A liderança de “Peito de Aço”, daí por diante, cresceu, firmou-se, ganhou fama. E não só no carnaval, mas também no esporte. Aprígio fundou um clube de futebol – o Riachuélo. E nele era presidente, treinador, capitão do time.

O campo, na 14 de Março, por traz da área onde se erguia o “currual” do boi “Canário”, todo domingo era ponto de concentração numerosa de afeicionados da pelota.

Nos entreveros não se alisava ninguém... Quem não tinha “sustância” melhor seria não meter a cara. E difícil era sair alguma equipe mesmo arranjada em termos de “scratch”, contando vantagem de um encontro com o Riachuélo. Lá estava Aprígio para que isso não acontecesse...

Com aquele cara, aquele vozeirão, o peito largo. Qual era o doido que ia embandeirar pra cima da m”bateria” do “Peito de Aço”?

\*\*\*

Modesto funcionário da Santa Casa de Misericórdia, cobrador ou cousa assim, o bardo João Frisa, no Umarizal de há meio século, constituía anacrônica figura típica de poeta remanescente da era romântica...

Não pelas idéias, linguagens, moldes poéticos da escola em que se immortalizaram Fagundes Varela ou Laurindo Rabelo, nada disso.

Nem pela cabeleira casimiriana, que para isso não lhe dava a gaforinha de mulato madurão... Tão só, isso sim, pelo apuro da gravata panda, em laço borboleta caprichado, a corpulência encadernada em grossa casemira escura, e em passo quase gingado sobraçando sempre bojuda pasta, que lhe conferia ares a um tempo de mestre-escola e de meirinho...

O cidadão, homem bom pai de família, afável e morígero.

O poeta, embora claudicante no atrevimento das imagens, no metro das endechas, tinha também arroubos de passarinho em nidificação e abalançava-se, por igual, a rompantes epigramáticos, tudo, entretanto, em inconsumpta fidelidade ao pessoalíssimo estilo...

Quanta vez, no fogo da explosível inspiração, em arremetimentos de charrua na eiva, arado trepidante em campo eriçado de torrões, poetava o bardo Frisa, que chegou a publicar um livro – o “Campo Santo”, em termos que na gíria dos dias atuais, se traduziriam na expressão “mandando brasa”...

Esse o caso da fulminante, para seu entendimento é claro, maldição a velho fiscal da Prefeitura (a Intendência daquele tempo), o Pragana, sob cujo mando a “correição” da Limpeza Pública laçara na rua e levava entre outros vira-latas um totó de estimação do bardo.

Frisa, em indignação de Anjo Vingador, escreveu sentidos versos sobre o episódio, ressaltando as belezas morais de seu aprisionado “Quebra-Ferro” ou “Jolí”, para verberar a ação inqualificável, dando ao candente anátema o título: “A um miserável cara encarnada que mandou prender meu cão”.

Esquisito? Nada disso... Aquilo, que requer explicação na medida, era puro bardo Frisa. E aqui vai ela:

Pragana era tipo sangüíneo. Suas andanças ao sol, diariamente correndo rua no comando da “correição”, tornavam-no ainda mais vermelhinho, davam-lhe ao rosto coloração de tomatada...

Ora, na falta de outra qualidade “negativa”, essa bastou para que o bardo Frisa inscrevesse o Pragana, calcando-o fundo com o soquete da indignação, nas páginas de seu estrambólico “Campo Santo”...

\*\*\*

Personagens características da fisionomia das ruas foram no Umarizal na fisionomia das ruas foram no Umarizal de outrora bizarras, sonoras figuras de pregoeiros de doces, de mingau, de ovos e galináceos, de garrafadas, ervas e raízes miraculosas, de par com marralheiros compradores de jóias inutilizadas, pedaços de anéis, brincos, cordões...

De tais tipos, estes particularmente, gente estrangeira de nacionalidade indeterminável pelo sotaque, era como se originado em série, imutável, quase choroso, o pregão que subia, no ar festivo das manhãs ou na soalheira das tardes, de rua em rua, endereçado em específico engodamento às donas de casa:

-“ouro quebrado pra vender? Eu compra... ouro quebrado, meu fregueza...”.

Batiam com certo faro, preferentemente a portas de barracas, onde difícil era faltar algo com que fazer bom negócio...

Alguns, munidos de ácido e pedra, com ares de ourives faziam toque no que lhes era ofertado. E sistematicamente:

-“Ouro baixo, meu freguesa... ouro baixo... eu compra, mas só dá mil réis... ouro baixo...”

E levavam da pobre gente, já então desiludida do valor de seu ouro, por dois mil réis o que valeria vinte ou trinta, às vezes várias dezenas de gramas...

Dos vendedores, quem viveu aquele tempo não se terá esquecido da velha e gorda mingauzeira, muito limpa no seu vestido de saia ramalhuda e

cabeção branco rendado, cuja voz dava as manhãs uma nota vibrante para a alegria de crianças e gente grande:

-“mingau de miiiiilho!”

Aquilo era canto de guerra, alarme de sirena, soando longamente, estridentemente, chamando às portas a criançada, com cuias, tijelas de esmalte, canecos de latas de leite de “Moça”...

A velha mingauzeira era simpática. E ainda longe subindo ao ar seu canto -“mingau de miiiiilho!” – não raro uma conversinha de porta de rua entre vizinhas:

-“A freguesa, uma mulher velha, trabalhando todo dia... e a filha, uma vadiona...”

A filha da mingauzeira era a mulata Lourença, boêmia da “Vila dos Inocentes”, dona de famoso “bumbá” de mulheres, “Boi Anizeta”, denominação que era vidente homenagem à giribita preferida do pessoal de saias para as suas libações...

À tarde, aí por volta de duas horas, de longe ecoava o anúncio em alta voz do homem do “doce da Regina”, o “cocadinha”. O cognome nascera-lhe precisamente do pregão, de tenor, aflautado e esbofado na prensa com que caminha o doceiro, com sua montra encarrapitada sobre quatro pés para as rápidas paradas...

-“Cocadinha! Pandeló! Beijo de moça!” Se algum garoto divertido, por traz de um cercado, de uma janela, imitava-lhe o agudo canto – “Cocadinha!” – ele não quebrava o ritmo da caminhada nem do pregão. A resposta, no mesmo tom, saía, em cima da bucha: -“é a mãe!... Cocadinha!”

Outra interessante figura das ruas, o homem dos remédios da terra.

Esse era matinal. Aí pelas nove ou dez horas era infalível aquela voz, rasgando o ar em jatos imperiosos, mais semelhantes a brados energéticos de comando:

-“Olha a cabeça de nêgo! Olha o batatão! Olha o leite de Amapá pra doença do peito !... Olha o estoraque, o apií, casca de losna pra mulhé...”

E o negro desempenado, na cara luzidia, o contraste da branca dentadura bonita, sempre à mostra, tabuleiro à cabeça lá se ia, ligeirinho devido ao peso de sua farmácia indígena ambulante: “Olha a cabeça de nêgo! Olha o batatão!...

O mais estranho daqueles pregoeiros, entretanto, era velho português cujo passo bem serviria de modelo a um mestre de cerimônia, tal a dignidade, a solene lentidão. Pendurado a um braço, pequeno cabaz com os “ovos de quintal”, a mão junto ao corpo. Na outra, meia dúzia de galinhas, anunciadas, em cavernoso tom, sempre como “Fran Gôrd! Fran Gôrd!”

Até aí, nada mau... Era, porém, desconcertante, de encabular, a maneira como anunciava:

-“Ov frêsko! Ov frêsko!”

Por isso, qualquer rapazola que na rua caminhava no mesmo sentido, mal o enxergava tratava de atravessar para outro lado...

Ou, embora perdendo tempo, ficava-lhe para traz. No passo em que o velho parecia contar as pedras que pisava, isso era mais cômodo que lhe marchar à frente, ouvindo o dúbio estrebilho:

-“Ov frêsko! Ov frêsko!” ...

## Anexo 2

### Estranho “olíímpo” aquele café...

Exceptiva fisionomia a da avenida “independência” antes de 1930.

Rua de faces, era, caracteristicamente, feira “sui generis”...

De dia refinamentos urbanos, tranqüila e comodamente, ombreavam com quitandas de variada mercancia, chamarilho de moscas à beira das calçadas. A ninguém arrepiava a presença de tabuleiros de guloseimas de feitura nordestina, manipuladas ninguém sabia por quem, lá para os lados de “Canudos”, então quase circunscrito à sua avenida “Ceará”. Nem a ausência total de rudimentar higiene nos carrinhos de bucheiros à entrada mesmo da “Vila Teta”, enchendo o ar de emanções nauseosas: ou os sujos mercadeiros de passarinhos aboletados junto ao gradil do “Museu”...

À noite, no longo passadiço que, da “22 de Junho” à “Castelo” se estendia, desfile constante, logo após o apito das nove no Utinga, de vendedeiras de amor... Casais, em que não rara era a presença de soldados de polícia, bombeiros, motorneiros e condutores de bonde, arrulhando, à indiferença conivente da cavalaria de ronda, na penumbra cúmplice das esquinas, junto às mangueiras discretas... mulheres tagarelando, uma que outra vez exaltadas em ciúmeiras, junto ao quiosque da calçada, na “22” com “independência”. E borborinhantes as baiúcas, que eram café, restaurante e também escondidinho da vadiara rufianesca...

Abundavam, então, entre o mulherio, adolescentes importadas de Bragança, das praias do Maranhão, de Vizeu, de Urumajó... Deambulavam, rua acima, rua abaixo, por vezes até madrugada, a chave do quatinho de moradia, presa num barbante, rolando no indicador. Enfurnado no colo, por dentro da blusa, o lenço de que uma ponta, bem amarrada em nó, era o minguaço mealheiro.

Tinham todas a mesma história... Casa de muita gente e pouca comida. Um comerciante “baludo”, o sonho de melhoração... Depois viagem de barco, arreadas debaixo da “tolda” baldeando de enjôo, a segunda classe do

trem para Belém. Como variante, para no trajeto, em Timboteua, Igarapé-Açu, numa infalível “Rua de Fogo”...

Quantas, que teriam dormido o dia inteiro, encontravam a refeição única do dia numa lingüiça assada na brasa, com farinha grossa, cujo preço de oitocentos réis eventual e generoso acompanhante pagaria!... Ou um café grande, com leite e pão, que custava tão só seiscentos réis... Com um pedaço de queijo duro, do Ceará, isso ia mais longe: mil e duzentos réis!

Naquela “Independência”, da “Casa Machado” (depois chamada Bar Pilsen), à esquina da “22”, montanhas de caixas vazias, da fábrica de cerveja. Lá no canto, onde depois se construiu a “Doméstica” de hoje, alto muro pelas duas artérias, abraçando o café “Tabacuera”, decantado pelo jornaleco “O Mondrongo”, numa coluna “social” em que se ressaltavam qualidades das habituais freqüentadoras, suas “paixas” por indivíduos de que só os apelidos eram publicados, que isso bastava ao entendimento do meio.

Na “Tabacuera”, reunião para soldados de policia, valentaços, mulheres que valiam menos que esfregalhos inúteis e ainda assim eram réstea de luz instilando alegria, entre copinhos da pura, em goladas gordas, com o complemento da cusparada grossa à distância...

Um quarteirão adiante, porém, defrontando o “Museu”, e lá mais abaixo, chegando à “3 de Maio”, a “Independência” era outra. Dois cafés ao tempo famosos, o “Café do Buraco” situava-se abaixo do nível da rua e tinha freqüência menos espantável que os demais. O do “Frederico”, porque era ponto de reunião de boêmios e poetas que lá iam por ser ali a toca resignada do grande e desgraçado Ernani Vieira, o mais fecundo de quantos aedos já possuiu o Pará. E teria de ser assim mesmo. Era dos versos, reunidos em folhetos editados pela “Guajarina” do velho Chico Lopes, que o poeta tirava o ganho para as vestes baratas e as parcas refeições, quantos dias só tarde da noite possíveis...

Lá dentro, noitadas coruscante de beleza, Ernani dizia seus últimos versos, aqueles que mandava à “semana” e à “Belém Nova”, apurados, escoreitos, de rimas ricas, até de preciosismo extravagante...

Na sala do balcão, “Caboclo de Sola”, cujo nome nunca alguém perguntou, troncado, cara larga e sorriso pacífico, dedilhava o “pinho” para embalar almas românticas. Também por lá elas surgiam, e até em corpanzis de suspeita fortaleza. Aquele mundo, tão baixo na sua condição social, altanava-se naqueles sucessos pela presença dos poetas e também pelas melodias sentimentais que “Caboclo de Sola” sabia arrancar de seu violão...

Estranho “olimpó” aquele “Café do Frederico”! Até as mulheres que por lá borboletavam possuíam, embora iguais no destino, corações diferentes de todas as outras... Se havia até as que choravam ouvindo versos! E as que se deixavam ficar, horas seguidas deslembadas, da peregrinação do desgraçado ofício, para escutar no violão “Caboclo de Sola” “o luar do sertão” ou valsas antigas. Valsas cujas dolência sabe-se lá que saudades, que doridas lembranças do perdido bem lhes acordava no fundo das almas!

### Anexo 3

#### O incomparável Professor Berilo

Vestisse o velhusco mulato uma túnica de estamemha e sua figura sofredora, de resignação evidente, que modelo daria para a estátua de um Santo!

Seu vulto de extenuado passo diariamente era pincelada rude na paisagem citadina, descendo, manhã cedo, da distante “Magno de Araújo”, no “São João do Bruno”, até o Palácio do Governo. E para lá voltando a plena solama de após meio-dia...

Como traje, surrada farpela que se adivinhava preta em tempo distante, a valer o duvidoso tom, tirante a bolorento rapé.

Na longa estirada, a pé, meticulosa a escolha da rota. Contornamentos de agudas pedras, pontas ainda acesas de cigarros, súbitas poças em depressões de calçada.

Cuidadosa assim a marchadela, que, um pedaço de papelão em arremedo de solado, das cambadas botas de elástico só a aparência, à custa dos repetidos remontes, o último já remoto e ainda por pagar...

Grutesco tipo, sem dúvida, na indumentária completada por sovado côco e o apoio da dextra em estúrdia bengala, simples decomposição de um guarda-chuva, sem pano e sem varetas...

Algo, porém, na dignidade daquele semblante, na serena energia daqueles olhos, impunha esquecimento do todo malamanhado, infundia vero respeito, irresistível simpatia.

[...] Ninguém que cruzasse com o esquisito caminhante nas habituais descidas e subidas, pela “Estrada de São João”, Vinte e Oito de Setembro, Treze de Maio, suspeitaria que no velho de obscura presença pulsava o bravo coração, vibrava o faulante espírito de humilde Mestre-Escola de interior que soube altear seu ofício às culminâncias da decência e do respeito...

Corriam, então, ominosos, os dias de 1923... Época de vexatória amargura para o funcionalismo público do Estado. Meses a fio sem ver a cor dos vencimentos, vivia ainda à irrisão de desalmados que lh'os compravam, com a paga apenas de miseráveis trinta por cento...

Eram caras patéticas de homens e mulheres. Haviam saído de casa com o estômago a dar horas, mas de alma atulhada dos horrores da incerteza, como porões de navio negreiro, corações distilando o fel da humilhação e do ódio...

Naquele ajuntamento trágico, formada de professoras a maioria. E como urubus voejando sobre animais cuja morte pressentiam, rufiavam por ali, puxando conversa, tomando chegada, “gaviões” mulhereiros, atentos aos possíveis colapsos com que a miséria destrói virtudes...

Muitas, realmente, eram esfarrapadas... Ser professora, para a irreverência esfuziante das rodas de botequim, passou a conceito de precária recomendação...

Para os homens, tal muitos anos antes o qualificativo de “laurista” para qualquer sujeito “mal-encadernado”, o título de **Professor** estava de vez, com inconfundível propriedade...

Naquele meio, o rolo de “atestados” do trabalho amarrotado pela manuseação freqüente, mas o brio estóico enrijando-lhe mais a resistência, repórter que eu era de “A Província do Pará”, conheci o ex-diretor do Grupo de Muaná professor Bento Berilo e Silva.

Veze sem conta a sedução dos trinta por cento, com pagamento imediato, tentara enleia-lo. Repelia toda oferta naqueles termos. Com exação cumprira seu dever, não se aviltaria no desdoiro do auto-menospreçamento...

Uma cousa as desgraças da vida, reduzindo-o à penúria de roupa e de mesa, não conseguiam abater: a beleza do espírito, enamorado de poesia, de boas palestras, de congrassamentos espirituais com gente de talento.

Por isso, lá na “Magno de Araújo”, a humilde morada do Professor Berilo, em tardes domingueiras, fazia-se ponto de convergência, atração para iniciantes plunitivos. Crescia já em consideração nos meios intelectuais, aceita pelos “jacarés sagrados” de que falava Raul Bopp quando por aqui andou, a “Associação dos Novos”, funcionando ainda na casa de Paulo de Oliveira, na “baixa” da Antonio Barreto... O velho professor, em suas calças de ralo brim e a blusinha de zetir, às vezes cosicada aqui e ali, surgia aos olhos da mocidade,

pelo brilho de sua inteligência e afabilidade do coração, como figura do século de Péricles...

Ah! Saudosas sessões literárias coruscantes da juventude e de esperança! Inesquecíveis vaidadezinhas de Poetas cercados de moçoilas inebriadas de românticas, explosivas ternuras, pedindo versos em álbuns decorados de decalcomanias, com beija-flores bicando corolas vermelhas, lânguidos amores-perfeitos em solitários cantos de página!...

O Professor Berilo, nessas ocasiões, esquecia suas canseiras inúteis nas idas e vindas ao Tesouro, os pés não temiam acidentes do caminho, que os tinha, confortados, em cômodos e singelos tamancos, que não custavam mais de seiscentos réis na quitanda da esquina...

E como sabia declamar Castro Alves nas bélicas estrofes do “Dois de Julho”, Bilac, Raimundo Corrêa, o esquecido muanaense Santa Helena Magno!

Reunira também os moços e as mocinhas talentosos do bairro numa associação literária cujo nome já não lembro. Daquela gente, uma tarde foi apresentado aos **novos** um caboclinho de ar ingênuo, meio bisonho que, meia hora após, dizendo seus versos ganhava a simpatia do nosso grupo. O rapaz tinha nome de gente do interior, viera de Cachoeira: Dalcídio. Aquele Dalcídio José Ramos Pereira seria, muitos anos depois, o consagrado romancista Dalcídio Jurandir...

Um dia as cousas [sic] políticas mudaram. Dionísio Bentes, eleito Governador, restituiu ao professorado a dignidade que a fome ameaçara destruir totalmente.

E um homem para quem o Pará tem dívida imensa, o idealista que fez renascer o que depois seria o Conservatório “Carlos Gomes”, sendo Professor, não se esqueceu de seu vilipendiado colega Professor Bento Berilo e Silva.

Esse homem chamava-se João Pereira de Castro. Chamado para alta função no Ensino, deu ao Professor Berilo o lugar que lhe cabia, fê-lo docente do Grupo Escolar “Paulo Maranhão”, ali na Independência, fronteiro ao “Vilhena Alves”, denominação que no estabelecimento substituiu àquela depois da Revolução de Trinta.

Encontrei ainda algumas vezes o Professor Berilo. Era outra figura, no seu fato de brim de impecável brancura, as botas lustrosas, um guarda-chuva com a “compostura” de seu estado de novo...

Já nesses dias a vida levava os “novos” para caminhos diversos e mais práticos.

A Associação da “Magno de Araújo” não existia mais.

Nunca, porém, se me apagou da memória o bom tempo, para ele tão mau, em que cheio de calor, e talvez de fome, recitava-nos Castro Alves e Santa Helena Magno aquele inesquecível, aquele incomparável Professor Berilo...